

Estudos do mesmo autor que estão à disposição:

A Doutrina Bíblica da Mordomia
A Doutrina Bíblica do Espírito Santo
A Doutrina Bíblica da Igreja
A Doutrina Bíblica da Evangelização
O Pecado e a Salvação
Culto e Adoração
Primeira Carta de Pedro
Os Dez Mandamentos
O Sermão do Monte
O Apocalipse - I
O Apocalipse - II
Fundamentos da Nossa Fé
Estudos Harmoniosos nos Evangelhos
A Carta aos Hebreus
A Carta aos Efésios

E, ainda, do Pr Delcyr de Souza Lima:

Doutrinas Batistas I
Doutrinas Batistas II
O Espírito Santo Ontem e Hoje

Ligue para nós
(21) 2404-1279; 2403-0327; 9735-3747

Apresentação

O princípio maior que norteia o doutrinamento das igrejas batistas é que a Bíblia é a nossa única regra de fé e prática. Por isso não aceitamos tradições humanas nem experiências pessoais como meio de orientação de nosso comportamento como cristãos que somos, nem mesmo tradições que dizem ser batistas que não tenham qualquer respaldo bíblico.

Sendo esse o nosso princípio maior, nada mais lógico do que ser um costume batista defender o livre exame das Escrituras (não a livre interpretação, uma vez que não são de particular interpretação) por qualquer indivíduo, o que cremos, sempre levará a um conhecimento maior de Deus, seja ele cognitivo, especulativo, emocional ou, o que mais desejamos, pessoal através de Jesus Cristo.

De convicções batistas, abraçamos nosso princípio maior e temos nos dedicado a colocar a Bíblia, da maneira mais clara possível ao alcance das igrejas, buscando uma interpretação fiel ao contexto bíblico, isenta de pensamentos particulares.

Desejosos de proporcionar elementos capazes de auxiliar os crentes batistas no crescimento no conhecimento da Palavra de Deus escrita, nos propusemos a fornecer-lhes subsídios, mesmo que abreviados, a respeito da Bíblia, que levem a uma visão introdutória da importância das Escrituras como revelação de Deus ao homem, da sua inspiração e processo para a formação e, finalmente, de elementos básicos para o conhecimento dos seus livros.

É, pois, com imensa satisfação, que colocamos ao alcance das igrejas, pastores e líderes, estes estudos a respeito da Bíblia, mensagem de Deus escrita para os homens.

Pr. Dinelcir de Souza Lima
Diretor-Geral

Sumário

<i>Estudo 1</i>	
A Origem da Bíblia	3
<i>Estudo 2</i>	
A Importância da Bíblia -	7
<i>Estudo 3</i>	
A Natureza da Bíblia -	11
<i>Estudo 4</i>	
A Bíblia e a Revelação -	15
<i>Estudo 5</i>	
A Bíblia e a sua Inspiração -	19
<i>Estudo 6</i>	
O Velho Testamento, A Lei e os Livros Históricos -	23
<i>Estudo 7</i>	
O Velho Testamento, Os Livros Poéticos e os Profetas Menores ..	27
<i>Estudo 8</i>	
O Velho Testamento, Os Profetas Maiores-	31
<i>Estudo 9</i>	
O Novo Testamento, Os Quatro Evangelhos	35
<i>Estudo 10</i>	
O Novo Testamento, Atos, a Expansão do Evangelho	39
<i>Estudo 11</i>	
O Novo Testamento - As Epístolas I	43
<i>Estudo 12</i>	
O Novo Testamento - As Epístolas II -	47
<i>Estudo 13</i>	
O Novo Testamento - O Apocalipse -	51

Princípios básicos de interpretação da Bíblia

A Bíblia não é de particular interpretação. Não pode ser interpretada à vontade, da maneira que cada um desejar fazê-lo. É a verdade de Deus e tem uma mensagem definida para o homem.

Existem alguns princípios básicos que podem nortear o leitor a compreendê-la melhor e a encontrar esta interpretação correta. Fazemos abaixo, um resumo muito breve desses princípios.

1. Creia firmemente que a Bíblia é a Palavra de Deus. Não importa quão lógicos possam parecer os argumentos humanos contrários, nem de onde eles venham, o crente precisa firmar-se cada vez mais no reconhecimento da Bíblia como Palavra de Deus inerrante e infalível. Lembre-se que o Senhor Jesus derrotou Satanás utilizando textos das Escrituras (Mat. 4.1-10).

2. Confie na inerrância da Bíblia. Quando textos parecerem ser contraditórios, não formule conceitos imediatistas. Continue lendo a Bíblia, pesquisando mesmo que seja durante um período longo de tempo, mas um dia você compreenderá que não há incoerência nas Escrituras.

3. Olhe para a Bíblia como uma unidade. A Bíblia é um todo, tem uma unidade de pensamento, de mensagem e foi produzida por uma só mente: a divina. Ela explica-se a si própria.

4. Dependendo do Espírito Santo de Deus. Lance fora a arrogância humana, não leia a Bíblia com soberba, querendo descobrir erros, ou querendo justificar erros pessoais.

5. Tenha um coração sincero para eliminar dele sentimentos e crenças religiosas pessoais, arraigados por tradições humanas. Só um coração sincero diante da Palavra de Deus pode vencer esses conceitos e tradições. Banidos do coração, ele fica livre, limpo, para ser preenchido completamente pela Palavra.

6. Procure conhecer perfeitamente os ensinamentos de Jesus e parta deles para a compreensão dos outros textos. A Bíblia é centralizada na pessoa de Jesus e ele é o nosso Senhor. Quem conhecer os seus ensinamentos perfeitamente, nunca será colhido por falsas interpretações. Na dúvida, fique sempre com os ensinamentos do Mestre.

7. Procure conhecer contextos das épocas em que os textos bíblicos foram escritos. Existiam situações sociais e geográficas diferentes. A Bíblia é perene, mas foi escrita em uma determinada época que precisa ser compreendida para que os textos fiquem mais claros. Livros de geografia bíblica e comentários bíblicos auxiliam muito.

8. Busque conhecer a língua portuguesa. Habitue-se a ler dicionários. As palavras podem ter conotações diferentes das que estamos acostumados a pensar que têm. Procure conhecer cada vez mais a gramática da nossa língua. Isso auxiliará na compreensão lingüística do texto.

homem: sempre haverá vida para aquele que crê irrestritamente na Palavra de Deus.

SIMBOLOGIA

O Apocalipse é um livro essencialmente profético com linguagem simbólica para indicar fatos relativos ao reino de Deus. É essencial que o leitor observe este fato e não caia na tentação de considerar alguns símbolos como sendo literais e outros não. Teria dificuldades na interpretação do texto.

Os números são simbólicos. *Sete* representa, como dissemos, totalidade perfeita, algo completo; *dez dias* representam um espaço de tempo relativamente curto, porém determinado; *uma semana*, uma sucessão determinada de etapas de tempos; *mil anos* um período longo de tempo, porém com prazo final determinado; *cento e quarenta e quatro mil*, múltiplo de 12, número das tribos do povo de Deus, representa a totalidade dos salvos, sem faltar quem quer que seja.

Algumas figuras também são simbólicas. Prostituição, conforme textos do Velho Testamento (ex. Livro do profeta Oséias) representa abandono de Deus para abraçar a fé em deuses falsos, idolatria. Profetas e profetizas, os encarregados da transmissão da Palavra de Deus. Profetiza prostituta (Jezabel), alguém que deixou de anunciar a verdadeira Palavra de Deus para introduzir ou incentivar adoração a deuses falsos.

Anjos são mensageiros (do grego *angelos*), nem sempre a designação de seres celestiais, como é o caso dos mensageiros (anjos) a quem são endereçadas, primeiramente, as cartas dirigidas às sete igrejas (alguns interpretam como sendo anjos no sentido de habitantes celestiais, o que não poderia ser, devido a determinadas palavras de repreensão do Senhor Jesus). *Testemunhas* não são simplesmente profetas ou mensageiros, mas são pessoas que tiveram experiência pessoal, tiveram participação em algo. Testemunhas de Cristo são aqueles que tiveram experiência pessoal com Cristo. *A noiva* é a igreja de Cristo, que se apresenta para as bodas, para a união definitiva e perfeita com o noivo. *A besta*, ser peçonhento que se compraz em destruir, levando à morte. *O falso profeta*, personificação daquele que parece ser mensageiro de Deus, porém que engana com pregações enganosas.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Apocalipse 1
Terça - Apocalipse 2
Quarta - Apocalipse 3
Quinta - Apocalipse 4 e 5
Sexta - Apocalipse 7
Sábado - Apocalipse 19

Estudo 1

A ORIGEM DA BÍBLIA

Textos básicos: Êxodo 17.14; 19:3 - 31:1-18; 24:4; 34:1-4

A Bíblia é o livro sagrado dos cristãos, é a "bússola" religiosa, é o instrumento diretivo da nossa fé e, conseqüentemente, da prática da nossa fé.

Os que cresceram em igrejas evangélicas a conhecem desde a meninice e os que se converteram na juventude, idade adulta ou madura, mas viveram em uma sociedade de cultura cristianizada, cresceram, pelo menos, ouvindo falar da Bíblia como sendo um livro sagrado e, até mesmo, respeitando-a como sendo a Palavra de Deus ou, no mínimo, como um livro de grande sabedoria. Alguns até desenvolveram ou assimilaram idéias místicas a respeito da Bíblia e viveram crendo ser o livro em si um objeto de grande poder espiritual, ou que o seu conteúdo escrito, por si só, poderia ser utilizado até mesmo para espantar espíritos malignos, enfermidades, "maus olhados", etc. O fato é que a Bíblia faz parte do viver diário de quase toda a humanidade (sem sombra de dúvidas, de uma grande maioria) e já nos acostumamos à sua realidade como um livro sagrado.

No entanto, talvez pelo respeito que temos a este livro impres-

sionante e ímpar, poucas vezes paramos para pensar em como ela surgiu, ou foi formada; em quando ela começou a existir e como chegou até nossos dias.

Nestes estudos desejamos, de maneira abreviada, fazer conhecer ou relembrar aos leitores alguns aspectos da formação do cânon bíblico, da sua inspiração, da sua natureza como revelação divina ao homem, da sua formação e transmissão até nossos dias.

A ORIGEM DA PALAVRA BÍBLIA

A palavra *bíblia* é o equivalente da palavra grega *bíblia*, que é diminutivo plural da palavra *biblos* (vol. II, p. 460), que inicialmente fazia referência à casca, à película do papiro usada para se escrever sobre ela, passando a palavra, depois, a significar *livro*. No grego *koinê* (o grego popular em que o Novo Testamento foi escrito) a palavra *biblos* foi substituída por *biblion*, que passou a significar *coleção de livros*. Depois, através do latim, a palavra *bíblia* passou a designar o conjunto de livros sagrados aceitos pelos cristãos.

Originalmente a Bíblia não formava um volume único, mas seus diversos livros eram usados independentemente uns dos outros, em rolos de papiro (tipo de material usado para escrever, feito de junco), ou de pergaminho (tipo de material feito de couro de ovelhas, cabras e antílopes). Os cristãos que utilizavam a língua grega acostumaram-se a chamar os livros do Velho e do Novo Testamento de *Bíblia* e o termo, sendo utilizado também pelos cristãos de língua latina, passou a ser tratado como um substantivo singular.

A ORIGEM DA BÍBLIA NA PALAVRA DE DEUS AINDA NÃO ESCRITA

Os servos de Cristo, desde a origem do cristianismo, crêem fielmente que a Bíblia é a Palavra de Deus e, a respeito desse assunto, estudaremos em capítulo adiante. A nossa crença se baseia em fatos que cercam o surgimento da Bíblia como Palavra de Deus escrita e, para a compreendermos dessa maneira, necessitamos remontar aos tempos em que a Palavra de Deus era transmitida oralmente ao homem, sem que houvesse uma ordem de Deus ou uma inspiração para que alguém a escrevesse. Precisamos remontar a origem do homem e observarmos que Deus conversava pessoalmente com o primeiro casal, Adão e Eva e, curiosamente, dirigiu uma palavra direta e pessoal até mesmo à serpente, veículo de Satanás para a tentação do homem (Gên. 3:14,15).

No livro de Gênesis podemos ver Deus se dirigindo diretamente a diversas pessoas, tais como Caim, Noé, Abraão e Jacó. No livro de Êxodo, onde já começa a história da Palavra de Deus escrita, podemos vê-lo se dirigindo diretamente a Moisés e, em livros seguintes do Velho Testamento, a tantos outros.

Até o tempo de Moisés, Deus se dirigiu diretamente às pessoas, orientando-as, alertando-as para determinadas ações e atitudes que deveriam tomar, dirigindo a história da humanidade. No entanto, as orientações verbais divinas ao homem, de pouco adiantaram e a humanidade cresceu em número e em numerosas derivações pecaminosas.

A ORIGEM DA BÍBLIA COMO PALAVRA DE DEUS ESCRITA

No propósito de fazer crescer um povo especial, separado das religiosidades e ações pecaminosas do restante da humanidade, Deus levantou um homem, Moisés, para conduzir seu povo a um estabelecimento definitivo em terra prometida e apropriada e para conduzir seu povo a comportamentos religiosos agradáveis a ele, Deus. As palavras divinas já não poderiam ser apenas faladas, uma vez que o povo crescera em número, adquirira costumes pagãos em sua estada no Egito e, certamente sofreria forte influência dos povos, também pagãos, habitantes das terras de Canaã, uma vez que o ser humano, mesmo sendo pertencente a um povo especial formado por Deus, tendia sempre

uma vida de felicidade, mesmo que em meio a provações, e de fidelidade a Deus que garante a vida eterna através do seu Filho, manifestação da sua Palavra (19.13).

Este propósito se desenvolve através de duas etapas distintas: 1) das cartas dirigidas às sete igrejas da Ásia, cujas realidades apontadas representariam as realidades existentes em todas as igrejas de Cristo em todos os lugares e épocas (sete representa totalidade perfeita, algo perfeitamente realizado, completo); 2) de visões representativas de fatos retroativos à época em que estava sendo transmitida a João, concomitantes e futuros, envolvendo toda a história do plano de Deus para a salvação do homem.

A felicidade é sempre apontada, ao longo da revelação, como estando na fidelidade à Palavra de Deus. Esta é a tônica das sete cartas às igrejas (2.2; 2.13,14; 2.20;3.8) e está em todo o livro, até o seu final onde, como vimos há pouco, o Cordeiro de Deus é identificado como a Palavra de Deus (19.13).

Olhando por este aspecto, o livro do Apocalipse é, de fato, o fechamento das Escrituras, que foi iniciada com a narrativa da criação pela Palavra de Deus, que mostrou o pecado entrando no mundo pela descrença na Palavra de Deus, fomentada por Satanás (2.17; 3.1-5); os profetas anunciando a Palavra de Deus e a necessidade de fidelidade a ela (1Reis 17.16); a vinda do Verbo de Deus (Palavra - João 1.1); a santificação pela Palavra de Deus

(João 17.17) e a vitória da Palavra de Deus sobre as forças malignas de Satanás.

Os idealistas estão errados quanto à interpretação do Apocalipse, porquanto a profecia não é apenas um quadro simbólico da luta do bem e do mal, ou da Igreja contra o paganismo, mas é um quadro real em linguagem simbólica do fecho da luta de Satanás contra Deus, contra o plano divino de salvação para o homem. A Bíblia mostra o homem adquirindo a morte porque descreu da palavra empenhada por Deus (Gên 17.17); mostra que o caminho para o homem receber a vida de volta é a atitude inversa de Adão e Eva, ou seja, crer na Palavra de Deus manifestada em seu Filho, Jesus Cristo; mostra, ainda, que a santificação (separação do pecado) está em o homem observar a Palavra de Deus; e, mostra, finalmente, que a Palavra será vencedora contra Satanás e serão vencedores os que estiverem, pela crença no Verbo, alinhados com o Cordeiro de Deus.

É necessário que o leitor se conscientize que o Senhor Jesus estava proporcionando uma revelação não somente aos seus servos da época em que o livro foi escrito, nem tão pouco somente aos leitores do futuro, de épocas próximas ao final dos tempos, mas estava escrevendo a crenças de todos os tempos e épocas, mostrando realidades acontecidas, acontecendo e para acontecer, a fim de registrar a verdade perene para o

neira a interpretação do livro. Se o leitor busca interesses somente neste mundo, fará uma interpretação voltada somente para valores e situações deste mundo; mas se busca realidades espirituais, no reino celestial, fará a interpretação à luz das realidades espirituais apontadas nas Escrituras. Se tem tendências ascéticas fará interpretações literais de textos simbólicos a fim de fundamentar comportamentos religiosos dogmatizados segundo princípios pessoais. Mas, se tem a visão da salvação pela graça de Cristo e a santificação como uma realidade natural da nova criatura, então verá em textos simbólicos, como da profetiza Jezabel, uma interpretação que simboliza o abandono aos princípios estabelecidos por Deus no que concerne à sua Palavra (ver *O Apocalipse*, vol. I, publicado por esta editora, pág. 19 e 20) e a dedicação a outros deuses. Quem não tem uma crença inabalável na realidade do Cristo ressurreto, verá o livro como sendo produto apenas da imaginação de um homem, que usou artifícios literários para enganar o poder constituído da época que perseguia uma facção religiosa; mas quem tem uma experiência de conversão pela crença em Jesus Cristo, não tem dificuldades em ver o Apocalipse como sendo de origem divina, com revelações específicas de interesse das igrejas de Cristo.

Todos esses fatores são importantes e devem ser observados ao examinarmos este livro comentários a seu respeito.

AUTORIA E DATA

A igreja primitiva era unânime em reconhecer que o livro cujo autor se identifica como João, servo de Jesus Cristo (1.1), foi escrito pelo apóstolo João, durante o reinado de Domiciano, imperador romano que se empenhou em estabelecer a adoração ao imperador e, por causa da resistência dos cristãos, os perseguia, e que reinou entre 81 e 96 d.C.

No entanto, devemos observar no texto inicial do livro que o autor de fato é o próprio Senhor Jesus Cristo, que transmitiu ao seu apóstolo cartas a sete igrejas e que ordenou que ele escrevesse o que via (1.10,11). Apesar de reconhecermos que o apóstolo ficou de posse de suas faculdades intelectuais durante a revelação e que teve a capacidade de expressar com suas próprias palavras o que via, devemos ter cuidado com as interpretações que forcem a idéia de que João teria imaginado situações ilustrativas a fim de escrever um livro codificado às igrejas.

O PROPÓSITO DO LIVRO

O propósito do livro está, também, no seu texto inicial (1.3), onde se lê: *"Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas"*. É, sem dúvida alguma, incentivar os servos de Jesus Cristo a guardarem com fidelidade a Palavra de Deus escrita, a fim de que possam desfrutar de

a falhar na obediência à Palavra apenas falada.

Deus, então, chama Moisés e manda que registre palavras suas em um livro para fidelidade na memória (Êxodo 17:4) e, posteriormente, dá-lhe instruções que deveriam ser transmitidas ao povo de Israel entregando-lhe, escritas com seus próprios dedos, as tábuas do testemunho (Êxodo 19:3 - 31:1-18). Surgem aí, então, as primeiras palavras de Deus que foram escritas, por transmissão direta dele a seu servo Moisés. Estas palavras foram destruídas por causa da ira de Moisés contra o povo que praticou idolatria, mas Deus, numa demonstração da necessidade e importância da sua palavra escrita, escreveu novamente em outras tábuas as mesmas palavras que haviam sido escritas nas primeiras tábuas (Êxodo 34:1). Depois Deus continuou a falar a Moisés, que "escreveu todas as palavras do Senhor" (Êx. 24:4). Daí em diante Moisés passa a escrever os livros que ficaram conhecidos por nós como Pentateuco e pelos judeus como Lei, livros estes que vieram a ser os cinco primeiros livros da Bíblia.

A ORIGEM DA BÍBLIA COMO UM LIVRO

A Bíblia é um livro ímpar dentre todos os livros que existem no seio da humanidade. Isto porque ela tem características que nenhum outro livro tem. Percebemos sua característica única primeiramente pelo período de tempo que levou para ser escrita, uma vez que levou cerca de 1600 anos para ser completada,

começando a ser escrita por Moisés (em cerca de 1500 a.C.) e sendo só completada com a Revelação que foi dada ao apóstolo João, na ilha de Patmos, cerca de 90 d.C. Em segundo lugar, devemos lembrar que não existiu um autor humano que teria vivido os 1600 anos, mas que ela foi escrita por cerca de 40 autores que viveram épocas diferentes, com características sociais e intelectuais, também, bastante diferenciadas, que escreveram 66 livros.

Diante desses fatos, temos que compreender que a Bíblia não foi escrita por uma pessoa que resolveu escrevê-la, nem foi compilada em uma data específica por resolução de alguém, mas ela foi surgindo gradativamente, conforme seus autores iam escrevendo seus livros e estes iam sendo guardados e utilizados pelo povo e seus líderes, naturalmente, como textos sagrados.

Vamos observando, assim, que a Bíblia é, na realidade uma biblioteca, que foi sendo colecionada e formada pela orientação divina e de forma gradativa pelo povo de Deus que utilizava os livros em reuniões públicas para adoração e meditação. Moisés escreveu os cinco primeiros livros; depois Josué escreveu o livro que leva o seu nome; depois, em cerca de 1000 a.C, alguém escreveu o livro de Juizes; depois o livro de Rute; e assim por diante, até que Malaquias escreve o seu livro, em cerca de 435 a.C., fechando o que veio a ser chamado de Velho Testamento.

Quando Jesus veio ao mundo, os livros do Velho Testamento - trinta e nove livros, os mesmos que foram

aceitos pela Igreja Apostólica, e pelas Igrejas Protestantes - já eram conhecidos e usados pelo povo judeu como sendo a Palavra de Deus, como sendo Escrituras Sagradas.

O próprio Senhor se referiu a eles como sendo Escrituras Sagradas, fazendo citação de trechos - do livro de Salmos, por exemplo - e fazendo referência como sendo a Palavra de Deus (João 10:35). Só não eram compilados como um só livro, porém eram guardados isoladamente (Luc. 4:16,17). A definição do cânone sagrado (livros aceitos como inspirados por Deus) foi consumada com o livro do último profeta, cerca de 435 a.C., mas foi ratificada e deferida por autoridades religiosas judias, somente no Concílio de Jâminia, no ano 90 d.C (concílio de eruditos judeus que, após a destruição de Jerusalém mudaram-se para a cidade de Jâminia para se dedicarem ao estudo e ensino das Escrituras), ratificação essa que deu origem ao conjunto de livros do Velho Testamento que ficou sendo conhecido como Cânon Palestino.

No princípio da era cristã, a transmissão dos ensinamentos de Jesus era feita de forma oral. Os apóstolos estavam empenhados em pregar o evangelho e não tinham a preocupação em registrá-lo de forma escrita. Aproximadamente 30 anos após a morte e ressurreição de Jesus, o Novo Testamento começou a ser escrito, provavelmente por dois motivos principais: a proximidade da morte dos apóstolos e a difusão do evangelho entre muitas pessoas, principalmente entre os

gentios que não tinham uma vivência anterior dentro dos princípios do Velho Testamento. Daí em diante Deus continuou levantando e inspirando homens para o escreverem. Mateus escreveu o seu evangelho (líderes que viveram nos primeiros séculos do cristianismo afirmam que primeiramente em aramaico e depois escreveu novamente na língua grega); Marcos teria escrito narrativas do apóstolo Pedro; Lucas fez um apanhado minucioso da obra de Jesus Cristo e primórdios das igrejas, e a escreveu no evangelho que leva o seu nome e no livro de Atos dos Apóstolos; o apóstolo João escreveu seu evangelho; o apóstolo Paulo escreveu suas epístolas; Tiago escreveu a sua; Judas (irmão de Jesus) também; um autor desconhecido (líderes do segundo século afirmaram que foi o apóstolo Paulo) escreveu uma epístola aos hebreus convertidos ao cristianismo; João escreveu três epístolas e Pedro escreveu duas; até que o apóstolo João escreveu o Apocalipse, completando um total de 27 livros.

Na primeira metade do segundo século, já os 27 livros do Novo Testamento estavam coligidos em um só volume e eram utilizados largamente pelas igrejas.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Gênesis 3.8-19

Terça - Gênesis 4.6-15

Quarta - Gênesis 17.1-8

Quinta - Êxodo 24.1-7

Sexta - Êxodo 34.1-5

Sábado - Lucas 4.16-21

Estudo 13

OS LIVROS DO NOVO TESTAMENTO O Apocalipse

O livro do Apocalipse talvez seja um dos menos lidos pelo povo cristão, menos pregado, mais divergente em interpretações e mais mal aplicado à vida cristã.

É um livro bendito para os servos de Jesus Cristo fiéis aos seus ensinamentos, porque sua mensagem é de conforto e confiança em um futuro feliz e eterno sob os cuidados divinos; e um livro maldito para aqueles que o rejeitam como Salvador e Senhor, porque sua mensagem é de terror e anunciação de sofrimento eterno juntamente com Satanás e seus anjos.

Suas interpretações variam, pelos menos entre quatro pontos de vistas principais: **1) O idealista** que defende a desvalorização da linguagem simbólica como predição de acontecimentos futuros escatológicos, afirmando ser o livro apenas um quadro simbólico sobre a luta do bem contra o mal em todos os tempos, indistintamente. **2) O preterista** que localiza o Apocalipse somente nos tempos de perseguições do império Romano, afirmando que a linguagem simbólica seria apenas para ludibriar Roma, colocando as

mensagens escatológicas apenas como imaginação de quem cria em uma volta iminente de Cristo para aquele tempo. **3) O historicista** onde o Apocalipse é interpretado como uma narrativa prévia da história da Igreja, a partir da era apostólica, até a volta de Cristo e o juízo final. **4) O futurista** que afirma ser o livro resultado de uma pressão de Roma sobre a Igreja, e que o livro tinha o propósito único de falar diretamente aos crentes que passavam por aquela situação, mas que também aponta para períodos de tribulação futuros e um período de paz, chamado milênio, quando Cristo estará reinando aqui no mundo, juntamente com sua Igreja.

Naturalmente cada ponto de vista desses tem variações e são assumidos de acordo com a visão que o intérprete tem, principalmente, da origem (autor), da linguagem (se figurada ou literal) e propósitos do texto (se para a Igreja somente dos tempos de Roma ou de todos os tempos). Estas visões do livro sempre implicarão no posicionamento interpretativo do seu conteúdo.

Além disso, há os interesses pessoais que influenciam sobrema-

JUDAS

O autor dessa carta teria sido o irmão de Jesus e de Tiago. Seu estilo e vocabulário são muito semelhantes ao de Tiago e a carta tem um conteúdo quase idêntico ao segundo capítulo de II Pedro. Estudiosos crêem que Judas teria escrito a sua carta após ter lido a carta do apóstolo Pedro, num objetivo apologético (em defesa da fé cristã autêntica, contra os falsos mestres) e não teológico ou devocional.

O tema central da carta é incentivar os leitores a batalhar pela fé autêntica em Jesus Cristo, sem licenciosidades, sendo incentivados a guardarem fielmente os ensinamentos de Cristo dados pelos seus apóstolos.

I, II E III JOÃO

A opinião mais aceitável dos eruditos é de que estas cartas foram escritas pelo apóstolo João no mesmo tempo que o quarto Evangelho, no final do primeiro século, num período em que o cristianismo já estava definido como uma religião não judaica, mas que começava a sofrer fortes influências de pensamentos filosóficos trazidos pelos gentios para o seio da igreja.

As cartas parecem ter sido produzidas com a finalidade de combater o gnosticismo, uma filosofia religiosa que estava em voga e se adaptando a conceitos do cristianismo, porém deturpando seu alicerce, a pessoa humana de Jesus, sua morte e ressurreição.

O gnosticismo alicerçava-se na premissa de que o espírito do homem é bom, mas que a matéria é má e que o indivíduo para alcançar a salvação precisava se libertar do domínio da matéria. Essa libertação era alcançada de duas maneiras: para uns, através do ascetismo, numa vida de domínio da carne; para outros, através do conhecimento que levaria o homem a apreender a verdade como uma conquista pessoal (esse conceito mais tarde introduziu na igreja o catecumenato, período de preparação do catecúmeno, que só poderia fazer parte da igreja depois de um certo nível de conhecimento).

Os gnósticos docetistas, afirmando que Jesus não poderia ter vindo em carne, partindo da premissa de que um ser divino nunca poderia encarnar em uma matéria tão vil, desenvolveram duas idéias principais: a de que Jesus somente teria sido incorporado pelo Espírito de Cristo após o seu batismo e o deixado antes da sua morte, e a de que Jesus seria apenas aparente, como o que chamamos de “fantasma”. Daí a ênfase que João dá ao aspecto da encarnação real de Jesus, habitando entre nós (Jo 1.14) e a sua ênfase nas epístolas contra os ensinadores de tais doutrinas, como não pertencentes, de fato, ao cristianismo.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Hebreus 1, 2:1; Terça - Tiago 1; Quarta - 1Pedro 1; Quinta - 2Pedro 1; Sexta - 1João 1; Sábado - 2 e 3João.

Estudo 2

A IMPORTÂNCIA DA BÍBLIA

Textos básicos: 2Timóteo 3.16; Gênesis 1.2; Isaías 43.7; João 5.39; 17.17; Salmo 1; Apocalipse 10

Sem sombra de dúvidas a Bíblia ocupa lugar de grande importância no seio da humanidade, e isto pode ser constatado pela observação dos seguintes fatos: a Bíblia é o livro mais vendido no mundo, é o livro que mais inspirou outras obras literárias ou manifestações artísticas das mais variadas formas, é conhecida mundialmente e, existem milhões de pessoas que aceitam seus escritos como inspirados por Deus e que tiveram suas vidas totalmente transformadas por sua mensagem de fé e esperança.

No entanto, desejamos abordar neste capítulo alguns fatos que devem ser acompanhados com atenção por aqueles que desejam perceber melhor os motivos que levam a Bíblia a ser um livro de tanta importância para a humanidade.

ABÍBLIA É A PRINCIPAL FONTE DE REVELAÇÃO DIVINA PARA A HUMANIDADE

Deus tem-se revelado ao homem de maneiras diversas: através da natureza, através da consciência humana, através dos milagres,

através da história, através da pessoa de Jesus - que é sua revelação pessoal, visível, encarnada. O apóstolo Paulo, escrevendo aos crentes de Roma (Rom1:18-20), declara que os homens não têm nenhuma desculpa quando detêm a verdade em injustiça, uma vez que Deus manifesta seu eterno poder, sua existência, sua divindade através das coisas criadas por ele. Os homens são indesculpáveis porque podem, através das obras da criação, da sua própria consciência - que sempre aponta para um ser superior e criador perceber o poder, a grandeza, o cuidado de Deus. isto bastaria para que respeitassem e procurassem agradar a esse ser que é o mais poderoso de todos os seres.

Algumas pessoas insistem em dizer que basta a observação da natureza, a meditação sobre o próprio ser, para que se conheça a Deus. Outros há que parecem desejar obrigar Deus a agir como agia no passado, ficando a buscar o conhecimento de Deus através de manifestações sensacionais, pessoais e dominadas por uma emoção des-controlada. Mas é pela Bíblia que podemos conhecer Deus perfeitamente, dentro dos limites do

que ele deseja revelar ao homem, pois ela registra de maneira escrita o caráter, a natureza e a vontade de Deus para a humanidade.

A BÍBLIA É A FONTE DE EXPLICAÇÃO PARA A ORIGEM DA HUMANIDADE *Gênesis 1,2*

A partir do século XIX foram desenvolvidas teorias que tentavam explicar a origem da humanidade como sendo parte de um processo evolutivo. Muitos autores e supostos cientistas exploraram a idéia e, baseados em conjecturas e descobertas de pequenos fragmentos de ossos (e até falsificações de fósseis), construíram uma teoria, sem qualquer base lógica ou científica, onde é afirmada uma suposta história da origem do homem, que seria o produto da evolução de seres inferiores.

No entanto, é na Bíblia que se encontra a narrativa da criação do homem, trazido à existência pelo trabalho criador do mesmo Deus que criou todo o universo. A Bíblia é a fonte que apresenta a única história lógica e aceitável da origem da humanidade.

A BÍBLIA É A FONTE DE EXPLICAÇÃO SOBRE A FINALIDADE DA HUMANIDADE *Isaías 43.7; Mal. 2.15*

As teorias criadas pelo próprio homem a respeito da sua origem deixam um grande vazio, pois não explicam, de fato, além de não

conseguirem explicar o objetivo da existência humana.

É somente na Bíblia que encontramos a razão de existirmos; é somente na Bíblia que encontramos a declaração divina de que fomos criados para a própria glória de Deus; é somente na Bíblia que encontramos a afirmação de que fomos criados para dominar sobre os seres vivos e sobre toda a natureza. É somente na Bíblia que encontramos o ensinamento de que fomos criados para termos perfeita comunhão com o Criador.

A BÍBLIA É A INDICAÇÃO CONTEMPORÂNEA PARA A PESSOA DE CRISTO *Lucas 24.27; João 5.39; 20.30,31*

Sabemos que o Verbo se fez carne e habitou entre nós (João 1.14) com o objetivo de consumir o plano de Deus para a redenção da humanidade. Sabemos que Jesus é o Verbo e que cumpriu seu ministério aqui no mundo conclamando a humanidade ao arrependimento dos pecados, anunciando a salvação através da crença nele como Salvador; curando enfermos, ressuscitando mortos, alimentando famintos, condenando o pecado e, por fim, morrendo e ressuscitando. Conhecemos seus ensinamentos que tanto bem tem produzido em nossas vidas, e sabemos, até mesmo, como foi a preparação da sua vinda ao mundo através da formação de um povo especial. Mas, isto tudo, só podemos conhecer porque está registrado na Bíblia.

autor não enfatiza o cristianismo como um sistema religioso, porém como um estado de espírito de fé, que se exterioriza em atos que manifestam a natureza dessa fé (2:18,27; 20:20). Aliás, esse é o tema central da carta que trata sempre das manifestações da fé cristã no crente. A única coisa que sabemos a respeito da data da escrita, é que teria sido compilada antes do martírio de Tiago, datado por Josefo, historiador judeu, em 62 d.C. Alguns estudiosos crêem que a carta de Tiago seria o mais antigo livro do Novo Testamento e teria sido escrita entre 45 e 50 d.C.

I PEDRO

Essa carta foi escrita pelo Apóstolo Pedro, com muita probabilidade em torno de 63 d.C., cerca de um ano antes de ser martirizado pelo imperador romano Nero, em um período em que os crentes em Cristo sofriam perseguições tanto por parte dos judeus (religião oficializada por Roma o que lhe dava liberdade de perseguir dissidentes), quando por parte dos romanos que os olhavam com suspeita, desprezo e, até mesmo, ódio (este incentivado pelo imperador, que chegou ao ponto de incendiar a cidade de Roma e colocar a culpa nos cristãos). Os crentes eram lançados nas prisões, subtraídos dos seus bens e mortos das mais variadas formas, inclusive na arena, lutando desarmados contra gladiadores e feras.

Merril C. Tenney, em sua obra *O Novo Testamento, Sua Origem e Análise*, publicada por Edições Vida Nova, São Paulo, 2ª edição, 1972, comenta: “O sofrimento é uma das teclas da epístola, sendo mencionado nada menos de 16 vezes. As igrejas haviam sido contristadas por tentações (1.16); alguns dos seus membros sofriam agravos ‘padecendo injustamente’ (2.19); havia a possibilidade de terem de padecer ‘por amor da justiça’ (3.14), até por fazerem o que era justo (3.17). Pedro incitou-os a não se envergonharem de sofrer como cristãos (4.12-16).” A carta é um aviso de encorajamento tanto no aspecto de as igrejas suportarem os sofrimentos, quanto de avançarem na pregação do evangelho.

II PEDRO

Apesar de estudiosos disputarem a autoria dessa carta por causa de evidências externas, as internas, com indícios biográficos, estão de acordo com a autoria do apóstolo Pedro. Teria sido escrita para preparar as igrejas contra os ensinadores de heresias que permeavam as igrejas com ensinamentos falsos a respeito do cristianismo e com uma vida moral frouxa. É uma carta interessante quanto à formação das Escrituras, uma vez que nela, o apóstolo Pedro faz referência aos escritos de Paulo como sendo inspirados por Deus (3.15,16).

os ensinamentos do apóstolo nas epístolas que comprovadamente são suas - por exemplo, as argumentações a respeito da salvação pela fé, são semelhantes em tudo com as contidas nas cartas aos Romanos e Gálatas, inclusive no exemplo de Abraão; o autor citou Habacuque 2.4 (10.38), assim como Paulo o fez em Rom. 1.17 e Gal. 3.11. Todas estas características internas da carta nos leva a crer que o autor ou era o próprio apóstolo Paulo que teria alterado seu estilo por estar escrevendo somente a judeus e não teria se identificado inicialmente para não levantar animosidade logo no início contra o texto da carta, ou teria sido ditada por ele e escrita por um amanuense que colocou na forma do seu próprio estilo literário, ou foi escrita por alguém do círculo de amizade de Paulo.

Há evidências externas (fora do texto) que corroboram com as teorias que indicamos acima: a) as igrejas do oriente desde os primórdios do cristianismo a consideraram obra de Paulo; b) textos antigos incluem o nome do apóstolo no título da carta; c) Clemente de Alexandria, citado por Eusébio em sua obra *História Ecclesiae*, afirmava que Paulo escrevera a carta em hebraico e que Lucas a traduzira para o grego; d) Orígenes, um dos pais da igreja, sempre citava que fora escrita por Paulo; e) Tertuliano, outro pai da igreja, atribui sua autoria a Barnabé.

2. Data da escrita - Pelas características do texto que argumenta contra um judaísmo ainda praticado (o templo ainda não teria sido destruído) e a favor de um cristianismo amadurecido entre os judeus cristãos, estudiosos calculam que a carta teria sido escrita no final dos anos 60, antes da destruição de Jerusalém pelos romanos.

3. Mensagem central - O tema central da carta é a superioridade de Cristo, como sumo-sacerdote e como cordeiro de Deus, que fez expiação pelos pecados do homem. Como tema secundário, argumentando essa superioridade, o autor demonstra que o sistema religioso judeu era provisório e tinha se tornado obsoleto diante da morte e ressurreição de Cristo. Argumenta, ainda, que a fé no Messias (Cristo) foi uma característica dos antepassados judeus e que estes foram vitoriosos, não pela obediência à Lei mas pela confiança irrestrita na Palavra de Deus.

ACARTA DE TIAGO

O autor da carta é Tiago, líder da primitiva igreja de Jerusalém (Atos 15:12; 21:18; Gál. 2:9,12), irmão de Jesus, que teria se convertido em algum tempo do fim do ministério de Jesus.

É uma carta mais de natureza prática que doutrinária, o que é uma característica de Tiago e dos judeus, que se preocupavam muito com a prática da religião. No entanto encontramos indicações de que o

A Bíblia é a fonte fidedigna inerente, providenciada por Deus para seu plano de salvação em Jesus Cristo ficasse registrado para as gerações futuras. Podemos até afirmar que, sem a Bíblia não poderíamos conhecer a Jesus como Salvador e que, sem a Bíblia, não poderia existir um cristianismo autêntico nos tempos de hoje.

A BÍBLIA É A INDICAÇÃO PARA A FELICIDADE - Salmo 1

O homem tem se perdido em estudos de filosofia, psicologia, ciências e religiões, em busca da felicidade. Mas tem se afundado cada vez mais, porque não tem buscado na Bíblia a explicação para o seu destino, a solução para os seus problemas psíquico e de relacionamento com o próximo; não tem buscado na Bíblia a solução para o seu relacionamento com Deus.

Somente através da Bíblia o homem pode retornar para Deus e sair da condição desesperadora de ser impotente diante da morte. Os que assim fazem encontram uma das realidades mais procuradas pela humanidade: a felicidade verdadeira. A felicidade que provém de um coração transformado por Cristo e unido eternamente a Deus, e independe de fatores materiais, terrenos.

A BÍBLIA É A INDICAÇÃO PARA UMA AUTÊNTICA SANTIFICAÇÃO - João 17.17

Viver em santificação não é viver segundo preceitos religiosos idealizados por homens, mas é viver

conforme os preceitos estabelecidos por Deus. É uma vida que se vai descobrindo e praticando gradativamente, conforme o homem vai tomando conhecimento da vontade do seu Criador e, conhecendo-o cada vez mais, procura viver de acordo com essa vontade soberana. E é somente na Bíblia que encontramos o registro da vontade de Deus para o homem. É um registro de tanta significância que o Senhor Jesus declarou a Satanás que fazer algo deturpando o que está escrito nas Escrituras é tentar a Deus (Mat 4.6,7). É de tanta importância para uma vida de santificação que o salmista declarou que só louvaria perfeitamente a Deus se conhecesse os seus estatutos (Salmo 119.7).

Resumindo, uma vida de santificação faz parte de um processo de aprendizado e prática dos princípios divinos e é exatamente a Bíblia que pode ensinar, corrigir, repreender e educar na justiça perfeita de Deus (Tim 3.16).

ABÍBLIA EXERCE GRANDE INFLUÊNCIA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Mat 28.19,20; Mar 16.16; Apoc 10

O povo de Israel exerceu e continua exercendo grande influência na história da humanidade, e a Bíblia foi produzida por inspiração divina, mas através daquele povo. Grandes nomes da história têm sido pessoas de origem judia.

Em 285 a.C., O Velho Testamento foi traduzido, em Alexandria, para a língua grega e pôde ser conhecido no mundo inteiro que, na época

utilizava aquela língua como meio de comunicação universal. Isto permitiu que a maior parte do mundo civilizado pudesse tomar conhecimento da Palavra de Deus. Desde então, costumes mudaram quanto ao respeito pelo ser humano, quanto à moralidade e quanto à adoração a um Deus único. Quando a Bíblia foi escondida da humanidade pela Igreja Católica, na Idade Média, o mundo experimentou o que se convencionou chamar “A Idade das Trevas”. Surgiu, então, o movimento da Reforma, que foi impulsionada e alicerçada principalmente na leitura e divulgação da Bíblia pelos chamados protestantes e anabatistas e libertou grande parte da humanidade do tacho da Igreja Romana. Perseguidos por Roma, protestantes emigraram para a América do Norte e deram origem ao país mais influente e que mais enviou missionários ao mundo, os Estados Unidos da América do Norte que teve a sua Constituição, em grande parte, baseada em princípios bíblicos.

CONCLUINDO

É extremamente difícil falar da importância da Bíblia, dada a sua grandiosidade, o seu poder, a sua capacidade de transformar vidas. Ela não é importante por causa de um complexo sistema de marketing que faça parecer às pessoas que é importante, nem porque alguém fique a dizer da sua importância. É o que é por ser a Palavra de Deus dirigida à humanidade, preservada e

divulgada segundo a providência d'Ele. Pessoas podem zombar, podem desprezar, podem tentar destruir ou podem tentar anular seu efeito, mas tudo será inútil porque a Bíblia continuará sendo preservada, atravessando o tempo, permanecendo até que o Senhor Jesus volte.

Até lá, cabe aos crentes em Jesus Cristo resistir às tentativas de anulação da Bíblia nas igrejas de Cristo, reconhecendo a seu valor para a salvação do homem, para uma vida cristã autêntica, para uma vida de perfeita adoração a Deus, para uma vida de santificação. Uma resistência não somente estática, porém uma resistência ofensiva, manifestada na ação de levar adiante esta Palavra que tem transformado vidas, salvando-as do sofrimento eterno e levando-as a uma comunhão mais perfeita com o Criador. Uma resistência manifestada, também, no estudo incessante da Bíblia e no abandono de tudo o que é invenção humana que nos é apresentado como se fosse um cristianismo.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Romanos 1.18-32

Terça - Isaías 43

Quarta - João 20.19-31

Quinta - Salmo 1

Sexta - João 17

Sábado - Apoc. 10

Estudo 12

OS LIVROS DO NOVO TESTAMENTO As Epístolas - II

Neste estudo estaremos enfocando a epístola aos Hebreus e as epístolas chamadas Gerais, assim já designadas pelas igrejas primitivas, pelo fato de não serem endereçadas a uma única igreja, localidade ou pessoa. Foram cartas escritas às igrejas de Cristo de um modo geral.

EPÍSTOLA AOS HEBREUS

As características internas dessa carta indicam que foi escrita a judeus convertidos ao cristianismo. Nas suas argumentações o autor demonstra que eram perfeitamente familiarizados com o culto sacrificial dos judeus, mas que eram, também, crentes em Cristo, inabaláveis, que haviam suportado perseguição psicológica e física (10.32-34).

Seu título encontrado nos manuscritos mais antigos é “Aos Hebreus” e há uma dificuldade em se determinar se era destinada a judeus espalhados pelo mundo ou de um determinado lugar ou região. A expressão “Os de Itália vos saúdam” poderia significar que seriam os da Itália que estavam distantes da terra natal, quem estavam enviando

saudações para seus compatriotas ou residentes na Itália. Também poderia ser que o escritor estivesse em Roma e enviasse saudações de crentes judeus romanos a crentes judeus de outras partes.

Diante dessas duas possibilidades, os estudiosos se dividem entre duas teorias: teria sido escrita aos judeus cristãos de Roma ou teria sido escrita aos judeus cristãos da Palestina.

1. Quem escreveu. Devido ao fato de não ser uma carta assinada, existem margens para especulações a respeito de quem teria sido seu autor. As características do próprio texto nos indicam que: a) era um judeu (1.1), pois refere-se aos antepassados como “pais”, um costume dos judeus; b) era uma pessoa de alta competência literária - estudiosos verificam que seu estilo é muito próximo do grego clássico; c) não era discípulo imediato de Cristo (2.3); d) tinha profundo conhecimento do Velho Testamento - conhecia tanto o texto quanto o seu significado; e) era amigo de Timóteo (13.23); f) tinha a mesma linha teológica do apóstolo Paulo - há semelhanças de ensinamentos com

3. Colossenses - Carta dirigida a uma igreja de gentios, com antecedentes religiosos que caracterizavam uma natureza altamente mística e ascética, mas que era, como outras, eivada de ensinamentos legalistas dos judeus. A natureza divina de Cristo e a sua obra redentora ocupam lugar de destaque (1:9-22), juntamente com a orientação para a necessidade de se buscar primeiramente as coisas que são de cima (2:20, 3:1). Essa carta é extremamente semelhante à carta aos Efésios.

4. Filipenses - É a carta mais pessoal do apóstolo a uma igreja e não é uma carta que se proponha a corrigir alguma heresia ou comportamento distorcido do cristianismo. Nela o apóstolo apenas aponta para um perigo em potencial, o dos judaizantes, e incentiva os de Filipos a continuarem sua caminhada de maneira digna como cidadãos celestiais.

ASEPÍSTOLAS PASTORAIS

São assim chamadas porque são dirigidas a pastores, especificamente a Timóteo e a Tito, e contém instruções referentes às responsabilidades dos jovens pastores à frente de igrejas de Cristo. Com grande probabilidade de acerto podemos dizer que foram escritas em um período de liberdade após absolvição do primeiro aprisionamento em Roma. Isto porque além das tradições cristãs indicarem, os textos das cartas também seriam de difícil compreensão se não tivesse sido assim. Por exemplo,

os textos de 1Tim 1.3 e Atos 20.4-6; 2 Tim 4.10 e Filemon 24, seriam conflitantes, como tantos outras.

1. I a Timóteo - Pastor de Éfeso (1Tim 4.12), Timóteo parecia ser tímido (2Tim 1.6,7) e com problemas de saúde (1Tim 5.23). Tanto essa epístola quando a segunda, têm o caráter de encorajamento e fortalecimento no ministério pastoral. O jovem pastor é alertado para a importância da sua vocação (1.18; 4.6,12,16. 5.21; 6.11,20), e são abordados assuntos de ordem devocional, administrativos e doutrinários.

2. Tito - Tito fora conhecido de Paulo durante, pelo menos, quinze anos. Fora deixado pelo apóstolo na ilha de Creta com a incumbência de colocar as igrejas em ordem e constituir pastores para elas (1:5). Pelo texto da carta, enfrentava problemas causados pelo relaxamento moral dos crentes (1:12,13) e problemas de legalismo de judeus (1:10), que na realidade queriam fazer da igreja um mercado (1:11).

3. II a Timóteo - Estes são os últimos escritos de Paulo, já em idade avançada, cansado, provavelmente preso pela segunda vez, com medo de não ver mais seu “filho”, a quem chamava de filho na fé. É uma carta emocionante porque é como se fosse uma despedida daquele que fora tão dedicado à pregação do evangelho de Cristo.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Gál 3; Terça - ICor. 1; Quarta - IICor. 7; Quinta - Rom. 1.1-17; Sexta - Efésios 1; Sábado - ITess 1

Estudo 3

A NATUREZA DA BÍBLIA

Textos básicos: João 10.35; 2Timóteo 3.16

Para o crente não há dúvidas de que a Bíblia é o registro de uma revelação divina ao homem, de que é uma coleção de livros escritos por homens e, logicamente, com características humanas, mas que é de natureza e origem divinas.

Essa natureza e origem divina da Bíblia pode ser comprovada dentro do próprio contexto bíblico, primeiramente pelas palavras do Senhor Jesus Cristo que, sendo Filho de Deus, sempre atribuiu às Escrituras autoridade divina, e a interligou com ao Pai e a si próprio. É o caso do texto que vimos no estudo passado, em que ele declara que as Escrituras testificam dele (João 5.39); é o caso, também, de Jesus vencendo Satanás porque estava firmado nas Escrituras (Mat. 4.1-11); e, é o caso do elo que Jesus forma entre a Lei, a Palavra de Deus e as Escrituras (João 10.35). Em segundo lugar, pode ser comprovada pelas referências dos apóstolos às Escrituras como sendo de origem divina, como é o caso do apóstolo Paulo que, encerrando a sua epístola aos Romanos, declara que as Escrituras notificam o evangelho de

Jesus Cristo, conforme mandamento de Deus (Rom. 16.25,26). Porém, além das comprovações textuais, existem um conjunto de fatos que comprovam a natureza e origem divina da Bíblia, como veremos a seguir.

O CONTEÚDO - Rom. 16.25,26

Nenhum livro religioso tem o conteúdo que a Bíblia tem. Ela tem uma mensagem única em matéria de religião, que não encontra semelhança com mensagens ou idéias encontradas em qualquer outro livro. Nenhum homem, sem a inspiração divina, escreveria o que está escrito na Bíblia.

A respeito, Henry Clarence Thiessen, em sua obra Palestras em Teologia Sistemática, editada em português pela Imprensa Batista Regular, São Paulo, 1987, declara: *Este livro inteiro reconhece a personalidade, unidade e trindade de Deus; ele magnifica a santidade e o amor de Deus; explica a criatura como sendo uma criação direta de Deus, feita à semelhança de Deus; mostra o pecado como sendo indesculpável e sob pena de castigo eterno; ensina sobre o governo*

soberano de Deus no universo; apresenta com grandes detalhes a salvação providenciada por Deus e as condições pelas quais ela pode ser experimentada; delinea os propósitos de Deus e as condições pelas quais ela pode ser experimentada; delinea propósitos de Deus com respeito a Israel e a igreja; (...) retrata o clímax de todas as coisas na segunda vinda de Cristo... (p. 49).

Que outro livro religioso contém tais ensinamentos e revelações? Homens têm produzido livros religiosos diversos, que apontam os caminhos que seus autores julgam corretos para a salvação e para um viver harmonioso com homens, com a natureza e com a divindade. No entanto, nenhum dos livros religiosos que conhecemos tem as características que a Bíblia tem. Todos eles demonstram apenas a sua natureza e origem humana. Na sua maioria foram escritos ou compilados por um só homem. Outros foram escritos por diversos homens que viveram em uma mesma época. Procuram apresentar virtudes de religiosos sem nunca apresentar seus defeitos; procuram apresentar o caminho da salvação sempre pelos meios humanos das boas obras, pelo cumprimento de obrigações religiosas, como se a salvação fosse uma conquista do homem. Somente a Bíblia apresenta a salvação como sendo uma dádiva de Deus para o homem, que não precisa se aperfeiçoar para con-

seguir, mas se arrepender para receber. Lewis Sperry Chafer, em *Teologia Sistemática*, Volume I, publicado em português pela Imprensa Batista Regular, São Paulo, 1986, escreve: "*A Bíblia é um fenômeno que só é explicável de um modo: é a Palavra de Deus. Ela não é o tipo de livro que o homem escreveria se pudesse, ou que poderia escrever se quisesse*" (pág. 38).

A UNIDADE - 2Tim 3.16

Apesar de ter sido escrita ao longo de aproximadamente 1600 anos (de Moisés a João), de ter sido escrita por cerca de 40 autores com personalidades e realidades sociais diferentes, a Bíblia, sendo uma coletânea de livros, impressionantemente é um só livro, com uma só mensagem de salvação, com ensinamentos religiosos perfeitamente unidos entre si, que nunca se contradizem. Do Gênesis ao Apocalipse está presente uma impressionante unidade nas Escrituras Sagradas, cujo tema central é a necessidade de o homem crer na Palavra empenhada por Deus e personificada em seu Filho, Jesus Cristo. Isto quer dizer que apesar de ter sido escrita por dezenas de homens, apenas uma mente direcionou a sua edição ao longo dos séculos, a mente de Deus.

ADURABILIDADE *Mat 24.35; Isaías 30.8*

Não há aqui uma referência à durabilidade de volumes da Bíblia

quando estava na Macedônia, após ter recebido de Tito um relatório a respeito do progresso da igreja (2Cor 7) após o recebimento da primeira carta. Nela o apóstolo expressa sua alegria pela reação favorável da igreja à sua carta anterior (caps 1-7), exorta os crentes daquela igreja a participarem com alegria da oferta para os crentes de Jerusalém (caps 8 e 9) e defende sua autoridade apostólica diante de uma minoria recalcitrante (caps 10-13).

ROMANOS

A carta aos Romanos foi escrita pelo apóstolo Paulo durante a sua terceira viagem missionária, estando na cidade de Corinto, fato comprovado pela citação de Gaio como seu hospedeiro - que era de Corinto - e da saudação enviada por Erasto, procurador da cidade (16.23), e preparando-se para ir a Jerusalém a fim de entregar as ofertas àqueles irmãos (15.25,26).

Na introdução carta manifesta o seu desejo de ir à Roma e a sua preocupação com a fé daqueles irmãos. A maioria dos estudiosos concorda que a carta tem por objetivo preparar a igreja para a sua ida a Roma, em uma viagem missionária projetada com certa ansiedade. No entanto, o conteúdo teológico da carta (é a mais abrangente de todas) nos mostra que a preocupação principal do apóstolo é **fortalecer a igreja no conhecimento da salvação pela graça de Deus, através da fé em Cristo Jesus** (3.9-24).

Sua preocupação devia-se ao fato de a igreja ser, provavelmente, constituída na sua maioria por gentios, mas também possuir uma minoria judia que, arraigada aos costumes antigos, procurava sempre impor costumes religiosos judeus a convertidos gentios. Provavelmente a carta seja dirigida principalmente à minoria judia, uma vez que o apóstolo faz referência ao Velho Testamento com frequência, aludindo ao exemplo de fé de Abraão (cap 4), cuja pessoa era profundamente venerada pelos judeus.

ASEPÍSTOLASDAPRISÃO

Em Atos 21:17 a 28:31, lemos o relato da prisão, julgamento e viagem de Paulo a Roma. Durante esse período de aprisionamento e provações (56 a 61 d.C.), o apóstolo escreveu quatro cartas a igrejas, a saber: Filipenses, Colossenses, Efésios e Filemon, e a opinião tradicional dos pais da Igreja é de que foram escritas de Roma, enquanto aguardava julgamento.

1. Filemon - Uma carta pessoal que que encerra a demonstração da possibilidade do perdão entre servos de Cristo, independentemente de situações fora do cristianismo.

2. Efésios - Uma carta que deveria ser divulgada pela igreja destinatária às outras igrejas, e que incentiva crentes que alcançaram maturidade cristã a prosseguirem no conhecimento de Cristo e, conseqüentemente numa vida de serviço eficiente a ele, mediante a visão do seu sacrifício gracioso.

se alcançar a salvação através de esforços humanos (Gál. 3:1-11). Destaca a necessidade de ser crente na promessa divina de salvação e usa a figura de Abraão, inclusive chamando-o de crente (Gál. 3:6-9) e a insuficiência da lei como elemento de justificação diante de Deus (Gál. 3:11). Outro aspecto interessante do evangelho é mostrado pelo apóstolo, em 4:1-7, é a filiação do crente a Deus, através de Jesus Cristo, libertando-o do jugo da servidão. É uma carta enfática, escrita por quem um dia foi escravo de um sistema religioso e que conheceu a liberdade através de Jesus Cristo.

I e II TESSALONICENSES

A primeira carta de Paulo aos Tessalonicenses teria sido escrita de Corinto, em finais de 51 d.C., durante a sua segunda viagem missionária, motivada pelo relato que Timóteo lhe trouxera (Atos 18.5; 1 Tess 3.1-6). Os temas principais dessa carta são: 1) *a fidelidade da igreja em meio a perseguições* (1.5-7; 3.7-9) que a levou a anunciar o evangelho em toda a região (1.5-10), fazendo o nome de Cristo conhecido; 2) *exortação a uma santificação crescente* (4.1-12); e 3) *Instruções a respeito da ressurreição dos mortos no dia do Senhor* (4.13-18; 5.1-11).

A segunda carta teria sido escrita, ainda em Corinto, também durante a segunda viagem missionária, logo depois que a primeira foi escrita, e é uma complementação da primeira, no que concerne à vinda do Senhor Jesus.

I CORÍNTIOS

A carta aos da igreja de Corinto, cidade que era um grande centro comercial (possuía dois portos), político (era residência oficial do proconsul romano) e religioso (existiam ali muitos templos a deuses pagãos, e se destacava o culto a Afrodite, deusa da fecundidade), foi escrita em torno de 55 d.C., quando o apóstolo ainda estava em Éfeso, e foi resultado de um relatório levado pelos da família de Cloé (1 Cor 1.11) e de respostas a indagações feitas pelos da igreja através de carta.

É uma carta com temas variados e reflete a existência de desvios doutrinários os mais diversos naquela igreja. Marcados pela vivência anterior no paganismo, os crentes trouxeram para a igreja comportamentos antigos e a igreja passava por sérias dificuldades espirituais e comportamentais. Chama-nos a atenção o fato de o apóstolo se dirigir àquela igreja como composta por santificados em Cristo (1 Cor. 1.2) e, ao mesmo tempo declarar que eram crentes carnis (1 Cor 3.1), demonstrando a sua crença no fato de que os salvos o são definitivamente (1 Cor. 5.1-5), mas que podem continuar uma vida carnal, se não buscarem um comportamento condizente com os ensinamentos de Cristo.

II CORÍNTIOS

A segunda carta à igreja de Corinto foi escrita por Paulo durante a sua terceira viagem missionária,

individualmente. Eles são destrutíveis como qualquer outro livro. Mas refiro-me à durabilidade da Bíblia como um todo, como ao instrumento instituído por Deus para a transmissão da sua Palavra até ao final dos séculos. É impressionante a proteção milagrosa que ela tem de Deus. Nenhum livro durou tanto tempo quanto a Bíblia, apesar de sofrer tantas perseguições ao longo da história, tanto ódio, tanto desprezo. Nenhum livro tão antigo superou os séculos, permanecendo e sendo editado inúmeras vezes, em uma quantidade tão grande de volumes e línguas diferentes.

Em diversas ocasiões Deus mandou que seus servos escrevessem a sua Palavra e chegou a definir o motivo: "...para que fique registrado para os dias vindouros, para sempre, perpetuamente". Ele próprio tem providenciado para que realmente fique para sempre.

A TRANSFORMAÇÃO QUE PRODUZ NOS QUE CRÊEM NOS SEUS ENSINAMENTOS 2 Coríntios 5:17

Nas próprias Escrituras encontramos narrativas de homens que após ouvirem a leitura ou anúncio de textos bíblicos, arrependeram-se de seus pecados, voltaram-se para Deus e viveram vidas completamente transformadas (p. ex. Atos 8.26-39; Luc 24.27,32). Na era atual também podem ser ouvidas milhares e milhares de pessoas que tiveram suas vidas transformadas

pela mensagem bíblica. Não são vidas que foram consertadas, remendadas, com possibilidades de retorno a situações antigas de miséria moral e espiritual, mas vidas que foram real e completamente transformadas, que foram feitas dignas e úteis para o reino de Deus. Na história da humanidade existiram e existem milhões de pessoas que foram arrancadas de vidas degeneradas, vergonhosas, desprovidas de qualquer esperança, desintegradas da sociedade e foram transformadas em novas criaturas. Foram transformadas de maneira tão inexplicável que só podem ter sido alcançadas por um milagre divino apontado pela Bíblia: a regeneração.

ACONSOLAÇÃO

Salmo 119.54,111

Na leitura e observação do texto bíblico homens e mulheres têm encontrado paz e conforto nos momentos de maiores aflições. São como um bálsamo, como um linimento para a alma, que penetram o recanto mais íntimo do ser humano, conhecidos somente pelo próprio Deus. É um consolo diferente de tudo o que o homem já tenha experimentado, um consolo que vem do alto, de Deus, que faz o aflito, o oprimido, o enfermo, o prisioneiro, o empobrecido, o desprezado, cantar e louvar a Deus como se já estivesse experimentando uma vida celestial.

CONCLUINDO

Quem já não ouviu a desdenhosa expressão que é proferida pelos que não crêem na Bíblia como sendo a Palavra de Deus: “A Bíblia é escrita por homens...”? Creio que uma grande maioria de leitores.

Mas é exatamente por isso que creio que ela é o que é: a Palavra de Deus dirigida aos homens. E creio exatamente por causa das características peculiares que a cercam, como pudemos observar. Foi escrita por homens, porque foi direcionada a homens, mas certamente a Bíblia se originou na mente de Deus e foi direcionada por ele para homens.

Ela tem aspectos humanos na sua formação e preservação, uma vez que Deus utilizou homens, de maneira formal e informal, para produzirem e compilarem textos, para distingüirem escritos sagrados de escritos profanos, para preservarem as Escrituras até nossos dias, mas tem inúmeros aspectos internos e externos que demonstram que não poderia ser produzida pela iniciativa de qualquer homem ou grupo de homens.

Por isso ela continuará existindo até a volta de Cristo, continuará transformando vidas, continuará apontando para o caminho de Deus, continuará confortando os que viverem segundo os preceitos

divinos contidos nela, continuará sendo a revelação escrita de Deus ao homem, continuará sendo um livro religioso ímpar na história da humanidade, continuará sendo o nosso guia religioso para uma vida de comunhão com Deus e religiosidade do seu agrado.

Sendo a Palavra de Deus escrita para nós, continuará sendo alvo do nosso respeito, reverência e desejo de aprendizado cada vez mais profundo.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Romanos 16.25-27.

Na sua despedida da carta aos Romanos, o apóstolo Paulo declara o conteúdo das Escrituras como um todo

Terça - 2Timóteo 3.10-17. O apóstolo Paulo, no v. 16, declara que **toda** a Escritura é inspirada por Deus, demonstrando assim a sua unidade.

Quarta - Isaías 30.1-8. Deus ordena ao profeta que escreva a sua Palavra para que permaneça para sempre.

Quinta - 2Coríntios 5.11-21. Quem está em Cristo é transformado e para estar com Cristo somente conhecendo-o através da Bíblia.

Sexta - Salmo 119.49-56. Os estatutos divinos são o cântico dos seus servos neste mundo (v.54)

Sábado - Salmo 119.105-112. Os estatutos divinos são a alegria do crente.

Estudo 11

OS LIVROS DO NOVO TESTAMENTO As Epístolas - I

Dos 27 livros que compõem o Novo Testamento, 21 são epístolas, ou cartas, das quais treze são do apóstolo Paulo, uma de origem que tem gerado controvérsia, mas que os antigos pais da Igreja afirmavam ser do apóstolo Paulo também, uma de Tiago, duas do apóstolo Pedro, três do apóstolo João e uma de Judas.

A maioria tem destinatários específicos, com referência ao seu autor, mas algumas são escritas para destinatários generalizados, como é o caso das cartas de Pedro, de João e de Judas, que parecem ter sido escritas às igrejas de Cristo de um modo geral. Uma epístola que tem sido considerada no grupamento das cartas gerais, aos Hebreus, tem sido assim classificada porque, na realidade, não contém especificação de destinatário e recebe esse nome por causa das suas características peculiares que indicam ter sido escrita a judeus convertidos ao cristianismo.

As epístolas são, na realidade, tratados teológicos escritos, na maioria, por apóstolos de Cristo, ou líderes de igrejas com o intuito de ensinar ou exortar os crentes a se dedicarem a uma vida cristã autêntica, sem as implicações de

resquícios do judaísmo ou paganismo praticado pelos gentios.

Neste estudo estaremos nos dedicando a uma rápida visão das cartas do apóstolo Paulo, que não mediu palavras nem papiros para instruir as igrejas de Cristo. Segundo Gundry (*Panorama do Novo Testamento*, 4a. Edição, Edições Vida Nova, São Paulo, 1987), o apóstolo utilizou uma média de 1300 palavras nas suas epístolas (de 335 em Filemon a 7101 em Romanos), quando o normal era o escritor utilizar apenas entre 150 a 250 palavras, devido à dificuldade de se encontrar material de escrita.

ACARTAAOS GÁLATAS

Com muita probabilidade foi a primeira carta escrita pelo apóstolo Paulo, em alguma data antes do concílio de Jerusalém que se reuniu para decidir a respeito da necessidade de os irmãos de Antioquia se circuncidarem ou não ao se converterem a Cristo (Atos 15.1-31). A maioria dos estudiosos concordam que teria sido escrita às igrejas da Galácia do Sul e é certo que o tema central da carta é a liberdade cristã de qualquer rito religioso, de qualquer esforço para

3. A expansão da igreja para os gentios - caps. 6 a 28. A igreja de Jerusalém sofre perseguições por parte dos judeus e Estevão é morto, marcando o início de uma terrível perseguição liderada por Saulo (6,7). A perseguição faz com que os crentes se espalhem e preguem o evangelho pelos lugares por onde passem. Um crente de origem grega, Filipe, entra em Samaria e prega o evangelho, fazendo com que muitos se convertam a Jesus Cristo (8.4-25) e é usado pelo Espírito Santo para evangelizar um etíope (8.26-40), que foi, por assim dizer, a semente do evangelho naquele país.

Saulo se converte e passa de perseguidor a dedicado pregador do evangelho (9.1-30); Pedro prega ativamente o evangelho (9.32) e é usado por Deus para pregar a gentios (9.9-11.18), que se integraram à igreja, apesar da relutância dos judeus.

A igreja de Jerusalém envia Barnabé a Antioquia para pregar aos gregos que se convertiam e esse vai para Tarso, a fim de buscar Paulo para pregar juntamente com ele (11.19-26).

A igreja de Antioquia comisiona Barnabé e Paulo como seus missionários e são iniciadas as grandes atividades missionárias do apóstolo Paulo que levaram o evangelho até os confins da terra, implantando igrejas e confirmando-as nos ensinamentos do Senhor Jesus Cristo (13.1-21:14).

O apóstolo Paulo é preso, defende-se e é enviado a Roma.

Durante o processo de prisão, translado a Roma e espera de julgamento, desfruta de grandes oportunidades de anunciar o nome de Jesus Cristo como Filho de Deus, Salvador do mundo (21.15-28.31), encerrando o livro com a visão do apóstolo preso, porém pregando livremente o evangelho de Cristo.

CONCLUINDO

O livro de Atos nos mostra a implantação da igreja de Cristo e a sua importância como agência do Reino de Deus estabelecida pelo Filho, sob o poder do Espírito Santo. Enfatiza a necessidade de ela cumprir sua missão de anunciar a salvação a todo o mundo; sua dependência do Espírito Santo e consequente eficiência no cumprimento da missão; a necessidade de os crentes em Cristo se disporem a trabalhar anunciando o evangelho para que o Espírito Santo possa agir; o amparo que Deus concede aos seus servos nos momentos de aflição quando estes estão empenhados em cumprir a ordem de Jesus de pregar por todo o mundo e que não há barreiras para a pregação do evangelho e que os crentes precisam somente se lançar ao trabalho.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Atos 1:1-14

Terça - Atos 2

Quarta - Atos 8

Quinta - Atos 9:1-31

Sexta - Atos 10,11

Sábado - Atos 13

Estudo 4

A BÍBLIA E A REVELAÇÃO

Textos básicos: Hebreus 1.1; João 1.1-14

No princípio, quando o pecado ainda não havia entrado no mundo, Deus se revelava pessoal e diretamente ao homem (Gn 1.22, 28-30; 2.19,22; 3.8). Com o advento do pecado, as barreiras foram se tornando cada vez maiores e dificultando essa revelação pessoal e direta. Com isto o conhecimento de Deus foi também se tornando cada vez mais difícil. O homem teve que receber de Deus outras formas de revelação. Digo teve que receber alguma outra forma de revelação divina, porque está na natureza do homem a necessidade de relacionar-se com Deus e também está em Deus o desejo de relacionar-se com o homem. A este respeito G. H. Lacy, em sua obra Introducción A la Teología Sistemática, publicada pela Casa Bautista de Publicaciones, El Paso, Texas, em 1986, 5ª edição, declara: "O homem foi feito à imagem de Deus e, portanto, sendo um ser intelectual, moral e imortal, é a coisa mais natural esperar que o Criador sustente relações pessoais com os que tem criado à sua própria imagem. Também é de se esperar que Deus mantenha comunicação pessoal com os homens, porque de outra maneira, como tem sido a

experiência na história e como é também em nossa natureza, a tendência humana é degenerar-se em seu caminho ascendente que é sustentado unicamente por uma visão elevada mantida pela comunhão com Deus". (pág. 50)

A revelação é sempre **um ato unilateral de Deus**, em que ele torna a sua pessoa e a sua vontade conhecidas do homem. É um ato de Deus, porque o homem, como criatura, não pode descobrir Deus sozinho, uma vez que o Criador não faz parte do mundo que foi criado por ele. Deus está fora e além da sua criação, embora não esteja alheio, desligado ou desinteressado das coisas que acontecem ao que ele criou. O homem, então, não pode por si mesmo conhecer Deus. A única maneira do homem chegar a esse conhecimento é através da revelação que Deus faz de si próprio ao homem.

O verbo revelar é usado em nossas Bíblias na versão da língua portuguesa, para traduzir o verbo hebraico *galah* e o verbo grego *apokalupto*. Tanto um como outro expressam a idéia de desvendar alguma coisa oculta, para que possa ser vista e conhecida conforme é.

O CONTEÚDO DA REVELAÇÃO DE DEUS ATRAVÉS DA BÍBLIA

Gênesis 6.13-22

Quando utilizamos a expressão *revelação de Deus*, estamos nos referindo ao fato de Deus tornar a sua pessoa e os seus propósitos conhecidos do homem. Desta forma fica-se sabendo que o conteúdo da revelação é o próprio Deus, seus planos, sua vontade.

O exemplo que utilizamos, de Deus se revelando a Noé, é apenas um dentre muitos registrados na Bíblia, porém expressa claramente o que queremos dizer. Deus se manifestou a Noé como um ser pessoal soberano, dizendo-lhe do seu propósito de destruir a humanidade, determinando-lhe que construísse uma grande embarcação, e estabelecendo um pacto com seu servo para a sua salvação.

O conteúdo da revelação de Deus através da Bíblia está sintetizado neste episódio. Deus manifesta à humanidade a sua pessoa divina e soberana, o seu firme propósito de um juízo final e o estabelecimento de um pacto definido e unilateral, através do qual o homem pode ser salvo.

TIPOS DE REVELAÇÃO

Salmo 19, Apoc. 1.10,11

Os teólogos costumam dividir a revelação em dois grupos principais: *geral* ou *natural* e *especial*, ou *sobrenatural*.

1. A revelação geral ou natural. Diz respeito àquilo que Deus revela

de si mesmo através da natureza, que é o trabalho criativo de Deus.

Principais tipos de revelação natural:

a) A revelação de Deus na natureza - *Salmo 19.1-6; Rom 1:19-21*. Podemos perceber no primeiro texto, a clara afirmação do salmista de que a glória de Deus e o seu poder são revelados na própria natureza, e, no segundo, a afirmação do apóstolo Paulo de que toda a criação revela tanto o eterno poder de Deus, quanto a sua divindade. Isto pode ser confirmado perfeitamente através da observação cuidadosa do movimento filosófico grego, onde vemos, por exemplo, Heráclito, que viveu no séc. VI a.C., nascido na cidade de Éfeso, defendendo a idéia de que todas as coisas tinham um princípio ativo único e uma conduta única estabelecida pelo que ele denominou de *Logos*. Em um mundo politeísta como o grego, ele chegou à idéia de um princípio único para todas as coisas. E isto através da observação da natureza.

b) A revelação de Deus na consciência do homem - *Atos 17.22,23*. A consciência do homem é algo que lhe é natural. Não é adquirida quando se deseja, nem anulada pela mente humana. Ela simplesmente está presente no ser humano. É a consciência que faz com que o homem reflita sobre seus padrões morais e também é ela que o impulsiona a agir segundo estes padrões. A presença deste conhecimento do que é certo ou errado, que não é auto imposto pelo homem, que ele muitas vezes tenta anular, é que revela Deus na alma humana. É

extrapolar as fronteiras e penetrar completa e definitivamente em território gentio. O apóstolo enviado aos gentios foi lá. Em Éfeso, cidade gentílica, em região gentílica, o Espírito Santo manifestou-se mostrando que as barreiras tinham sido rompidas e que os servos de Cristo seriam suas testemunhas até os confins da terra (19:107).

A impressão muito forte que fica ao lermos o livro de Atos é que Deus impulsionou Lucas a escrever a história da implantação das igrejas de Cristo, do alargamento das fronteiras do evangelho de Cristo, mas que deixou claro que o poder da ação veio dele através de Cristo foram apenas instrumentos em suas mãos que cumpriram a sua missão abrindo suas bocas e anunciando a salvação em Jesus Cristo.

ADATADA COMPOSIÇÃO

Sempre que se busca datas a escrita de um livro da Bíblia, pelo seu texto, procura-se verificar a data mais anterior e mais posterior. A mais anterior seria, com grande probabilidade de acerto, o ano em que o apóstolo Paulo esteve preso em Roma (cap. 28). O livro não poderia ter sido escrito antes daqueles acontecimentos. Como a audiência de Paulo foi realizada pouco depois da chegada de Festo à Palestina (25.1) e a data mais provável da chegada é 57 d.C., e levando-se em consideração que Paulo teria chegado a Roma em 58 d.C., então a narrativa de Atos teria sido encerrada em 60 d.C.

O DESENVOLVIMENTO DO LIVRO

O livro segue um roteiro lógico, mostrando, como dissemos anteriormente, a ação do Espírito Santo em estabelecer o trabalho de pregação do evangelho em todo o mundo, e isto através da igreja de Cristo. Não há referência a intermitentes de fatos isolados, sem conexão, em referências a indivíduos isolados, mas há um desenvolvimento concatenado e envolvendo sempre igrejas e crentes representantes de igrejas.

O livro segue o seguinte desenvolvimento:

1. O estabelecimento da igreja - 1,2.

A igreja se formou em Jerusalém, sob o selo do Espírito Santo, que a capacitou como instituição sob o poder de Cristo para a pregação do evangelho, desde a sua fundação até a volta de Cristo. Note-se a referência ao primeiro batismo com a finalidade de integrar novos convertidos à igreja (2.41). Note-se, também, que a igreja foi estabelecida sob a ação da pregação do evangelho.

2. A expansão da igreja em

Jerusalém - 3-5. A igreja se firma rapidamente e a ela são acrescentados novos convertidos todos os dias, além de um acréscimo súbito de quase cinco mil almas, em um só dia. A igreja cresce sob perseguições isoladas e com problemas internos, mas é impulsionada pela pregação do evangelho e firmeza nos ensinamentos dos apóstolos de Jesus Cristo.

propósitos históricos concernentes ao registro dos atos dos apóstolos (o título não é tão adequado, uma vez que não faz referência alguma às atividades pós-ressurreição, de diversos apóstolos de Cristo); mas Frank Stagg, em seu comentário *O Livro de Atos*, editado pela JUERP, Rio de Janeiro, 2ª edição, 1982, afirma, com muita propriedade que Lucas escreveu o livro “para contar a expansão dum conceito, a liberação do evangelho, ao romper as barreiras religiosas, raciais e nacionais” (pág. 24).

É impressionante notarmos como o conteúdo total do livro se desenvolve a partir da declaração de Jesus contida no início do livro (1:8), tanto do recebimento do poder do Espírito Santo, quanto da utilidade do poder, o testemunho pessoal a respeito do evangelho de Cristo. O conteúdo de Atos gira sempre em torno da liberação do cristianismo pela ação do Espírito Santo associada a ação dos servos de Jesus Cristo. Uma liberação difícil devido a reação dos judeus e dos romanos. Poderíamos dizer uma liberação difícil por causa de dificuldades internas do povo de Deus e externas ao mesmo povo.

Este propósito fica muito patente no final do livro, onde Lucas registra um apóstolo preso em Roma, pregando livremente o evangelho. Outra coisa que nos impressiona é o registro das quatro manifestações do Espírito Santo, em Jerusalém, em Samaria, em Cesaréia e em Éfeso, que aconteceram exatamente como cumprimento da promessa do

Senhor Jesus e como Lucas teve a preocupação de registrá-las.

Ser testemunha de Jesus em Jerusalém era algo bastante difícil para os discípulos daquele que morrera sob os gritos de ódio dos judeus. Mas Jesus afirmou que o seriam e o Espírito Santo rompeu essa primeira barreira no dia de Pentecostes, providenciando para que uma multidão se reunisse em torno dos discípulos e os ouvisse falar das grandezas de Deus (2:1-41) e cressem no evangelho de Jesus Cristo.

Ser testemunha em toda a judéia era uma dificuldade maior ainda, uma vez que a região estava “minada” de gentios e os judeus, mesmo convertidos nunca evangelizariam gentios. Mas o Espírito Santo agiu para que o evangelho fosse pregado a um romano e a toda a sua casa, se convertessem e fossem batizados e reconhecidos pela igreja de Jerusalém como crentes em Jesus Cristo (Atos 10,11).

Ser testemunha em Samaria? Impossível para judeus que nutriam ódio secular por aqueles que eram considerados intrusos étnicos e religiosos, que viviam em região encravada em terras judias, mas que viviam completamente separados pela animosidade. Mas o Espírito Santo agiu para que Filipe anunciasse o evangelho em Samaria, e depois, para que os apóstolos João e Pedro também o fizessem (Atos 8.5-25).

O evangelho já havia avançado através das regiões anunciadas por Jesus. Mas ainda estava restrito às circunvizinhanças judias. Faltava

essa revelação de Deus através da consciência humana que faz com que o homem, estando em qualquer tipo de civilização, tenha a necessidade de adoração, comunhão e proteção de um deus. Mesmo nas civilizações mais afastadas, mais isoladas, sempre é encontrado algum tipo de culto a uma divindade.

c) A revelação de Deus na história - *Romanos 13.1*. Neste texto o apóstolo Paulo afirma que todos governos em todos os tempos, quer no passado, quer no presente, vieram de Deus. Deus tem se manifestado dirigindo o curso da história, desde a antiguidade. Reinos degenerados foram vencidos por reinos ainda não degenerados; governantes totalmente rebeldes contra Deus foram derrotados por outros ainda com temor a Ele. A história foi orientada por Deus para que pudesse existir “a paz romana” e, conseqüentemente, o Messias vir na plenitude dos tempos. Podemos ver Deus mudando os rumos das guerras e forças devastadoras como da Alemanha, Itália e Japão, serem esmagadas e obrigadas a se retraírem.

Mas, a grande revelação de Deus na história, foi através do povo de Israel, que foi formado e dirigido conforme a sua vontade, para que dele viesse o Salvador Jesus. Um povo que até os dias atuais, sendo, uma nação que ocupa um pequeno espaço no globo terrestre, foi e é até os dias atuais, uma nação que surpreende pela sua eficácia, pelo seu poder de subsistência sobrenatural, pela sua capacidade de influenciar o mundo.

2. A revelação especial ou sobrenatural. É a revelação de Deus em eventos históricos específicos, a povos específicos, de forma mais completa que a revelação geral ou natural. É Deus dando-se a conhecer através de atos milagrosos, visões, sonhos, falas diretas, da encarnação do verbo e da atuação do Espírito Santo. A revelação especial é necessária, pois através da revelação geral ou natural o homem fica sabendo que há um Deus criador, poderoso, mas não toma conhecimento do plano de salvação. Além disso, o homem é incapaz, por causa do pecado, de usar corretamente a revelação geral. Somente através da revelação especial o homem pode entender a natureza de Deus, a sua justiça, o seu amor, o seu plano de salvação.

Os principais tipos de revelação especial de Deus são:

a) A revelação através de milagres. *Gênesis 7.17-24; Êxodo 3.1-4; 4.1-3; 7.10-12*. Um milagre é um acontecimento fora do comum provocado pelo próprio Deus, que não pode ser produto das chamadas leis naturais. Os milagres podem ser a intensificação de algo natural (por exemplo, o dilúvio nos tempos de Noé) ou um acontecimento completamente fora dos padrões naturais (por exemplo a vara de Arão se transformar em uma serpente).

Há milagres que não vêm de Deus, como o caso das varas dos sábios egípcios que também se transformaram em serpentes, e o próprio Senhor Jesus afirma que falsos profetas e falsos ungidos, nos últimos tempos, enganarão a muitos

através de grandes sinais e prodígios (Mat. 24.24). Mas Deus, quando se revelou através dos milagres, o fez sempre com o objetivo de conduzir o seu plano de salvação para o homem, através do Seu Filho, Jesus Cristo. Nos milagres genuínos há uma revelação especial da presença e do poder de Deus, provando sua existência, seu cuidado e seu poder.

b) A revelação através da profecia - Lucas 16.29-31. No passado Deus se revelava através de visões, sonhos, falas e aparições, em momentos especiais e cruciais do seu povo e da humanidade. Eram sempre revelações momentâneas e cujo grande interesse era o plano de salvação de Deus para o homem. Hoje pessoas há que buscam este tipo de revelação e ficam a dizer que Deus lhes apareceu em visões e que lhes deu instruções pessoais e diretas. Mas estas pessoas sempre terminam por direcionar suas "profecias" para interesses pessoais ou de grupos isolados, não tendo essas ditas profecias o caráter daquelas registradas na Bíblia.

c) A revelação através da encarnação do Verbo - João 1. 14; Hebreus 1.1. Esta foi a maior e mais perfeita revelação de Deus ao homem: a encarnação da sua imagem, da sua forma, entrando na história e no tempo da humanidade. O próprio Jesus Cristo afirmou que quem o via, via também o Pai (Jo. 14:9). Na pessoa do Verbo de Deus, o homem pôde ver Deus, pôde andar com Deus, pôde conversar com Deus, pôde habitar com Deus. Deus mostrou-se plena-mente ao homem na pessoa do seu Filho.

d) A revelação através do Espírito Santo - João 14.26. Deus revela-se também ao homem através do seu Espírito, atuando no coração do homem, na sua mente, dando-lhe instruções, convencendo-o, orientando-o.

e) A revelação através das Escrituras. A Bíblia é a completa revelação de Deus ao homem. É certo que a maior revelação de Deus ao homem foi a sua encarnação na pessoa do seu Filho, Jesus Cristo. Mas é através da Bíblia que ficamos sabendo desta revelação. É claro também que Deus se revelou poderosamente no passado, quando necessitava formar um povo através do qual enviaria o Messias, através de grandes milagres; de aparições; de mudança do curso da história como o cativo do povo de Israel na Babilônia e também seu livramento através dos medos e persas. Mas também é através da Bíblia que ficamos conhecendo que era Deus operando, agindo em prol da humanidade. A Bíblia é a revelação especial de Deus extremamente necessária ao homem que deseja conhecê-lo de maneira eficaz e definida.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Salmo 19

Terça - Atos 17.15-23

Quarta - Romanos 13.1-7

Quinta - Êxodo 3.1-4

Sexta - Êxodo 4.1-3

Sábado - João 1.1-14

Estudo 10

O NOVO TESTAMENTO

Atos, A Expansão do Evangelho

Textos básicos: Atos 1:1-8; 28:21-31

Na classificação dos livros do Novo Testamento só há um que é considerado histórico, o de Atos dos Apóstolos. É, na realidade, uma continuação do Evangelho de Lucas, já que tem o mesmo autor e foi escrito com um mesmo propósito, conforme pode ser visto em sua introdução dirigida a Teófilo (1.1,2), onde o autor fala do "primeiro livro" que fora dedicado à mesma pessoa.

Cumprindo o seu propósito, é um livro de grande valor histórico e espiritual, porquanto registra a história da formação e afirmação da igreja de Cristo sobre a face da Terra, espalhando-se por todo o mundo, apontando para exemplos de vida de servos de Cristo que se dedicaram à divulgação do evangelho de Jesus Cristo, que venceram barreiras, que foram impulsionados pelo Espírito Santo na divulgação do reino de Deus.

O AUTOR DO LIVRO

O texto deixa claro que o autor foi participante de muitos dos acontecimentos que descreve e isto fica configurado nas narrativas onde usa o pronome "nós". A primeira utilização está em Atos 16.10-15, onde está registrada a partida de Paulo de

Trôade, na segunda viagem missionária, demonstrando que o autor acompanhou o apóstolo até Filipos e que esteve junto com ele até o momento da sua prisão. Vai reaparecer novamente em 20.6, dando a impressão de que permaneceu em Filipos enquanto Paulo esteve preso e depois quando prosseguia em seu ministério missionário, e que depois retornou à sua companhia na terceira viagem missionária quando Paulo voltou a Filipos, permanecendo com o apóstolo até encerrar o seu livro com Paulo em Roma.

De todos os companheiros de Paulo, o único que atende às características textuais que indicam a autoria, é Lucas, homem de alta capacidade literária e que é chamado pelo apóstolo de "o médico amado" (Col 4.14). No fim do segundo século tanto o evangelho de Lucas, quanto o livro de Atos, já eram aceitos como sido escritos por Lucas.

O PROPÓSITO DO LIVRO

Alguns autores classificam o livro de Atos como sendo o Evangelho do Espírito Santo, já que Lucas faz constantes referências ao Espírito de Deus na formação da igreja; outros apenas um livro com

que está muito clara, principalmente no diálogo com Nicodemos (3.16) e no diálogo com seus discípulos, antes de ser preso, onde se apresenta como sendo o caminho, a verdade e a vida (14.6). João apresenta Jesus como sendo o **Caminho** para quem quer ir a Deus, a **Verdade** que precisa ser crida, e a **Vida** que precisa ser desejada e que, indubitavelmente, é concedida pelo amor de Deus a todos os que crerem em seu Filho.

Essa necessidade de crença irrestrita está demonstrada fortemente nos **sete milagres** registrados por João, a fim de que seus leitores cressem que Jesus é o Filho de Deus, e que, crendo, tivessem vida eterna (João 20.30,31): **1) Jesus operou o milagre da transformação** da água em vinho, porque os servidores *fizeram tudo conforme ele disse* (2.7,8); **2) O oficial do rei teve seu filho curdo por Jesus**, porque *creu na palavra que Cristo lhe dissera* (4.50); **3) O aleijado do tanque de Betesda pôde andar** porque obedeceu ao que *Jesus lhe disse* (5.11); **4) Os cinco mil foram alimentados** porque *obedeceram à ordem de Jesus* (6.10); **5) Os discípulos foram consolados em meio à tormenta pela palavra de Jesus** (6.20); **6) O cego do tanque de Siloé viu** porque *obedeceu à palavra de Jesus* (9.7,11) e recebeu a salvação porque *creu na declaração de Jesus de que era o Filho de Deus* (9.35-38); **7) Jesus ressuscitou Lázaro pela sua palavra e enfatizou que quem crê na sua palavra vê a glória de Deus** (11.40).

Certamente não foi aleatoriamente que o apóstolo iniciou seu Evangelho dizendo que a todos quantos receberam o **Verbo (logos - palavra)**, **crendo** em seu nome, Deus lhes deu a condição de serem feitos seus filhos (João 1.12). Também não foi aleatoriamente que ele escreveu as palavras de Jesus: “se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos” (João 8.31). O apóstolo João chegou ao conhecimento da verdade de que só é salvo aquele que crê incondicionalmente na palavra de Jesus, que é a personificação da Palavra de Deus (João 5.24).

Em resumo, podemos afirmar que todos os Evangelhos enfatizam a divindade de Jesus e a necessidade de se crer nele, com arrependimento dos pecados, para que se receba de Deus a vida eterna. Apresentam o cristianismo como substituto do judaísmo, centrado na pessoa do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, que é o único mediador entre Deus e o homem, sem sacerdotalismos, sacrifícios ou penitências. Sem aprisionamentos a sistemas religiosos.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mateus 8.5-13

Terça - Mateus 9.9-13

Quarta - Marcos 2.23-28

Quinta - Lucas 4.14-32

Sexta - Lucas 5.33-39

Sábado - João 20.19-31

Estudo 5

A BÍBLIA E A SUA INSPIRAÇÃO

Texto básico: 2Timóteo 3.16

Revelação e inspiração são conceitos teológicos muito entrelaçados que constantemente são confundidos, mas que precisam ser vistos sob seus aspectos reais e diferenciados para que o estudante da Bíblia possa ter uma visão do texto sagrado como algo que é *perene* para a humanidade.

Revelação é a atividade de Deus em que ele revela-se a si próprio e seus propósitos ao homem. **Inspiração** refere-se à maneira como o homem recebe, interpreta e relata a verdade revelada por Deus. **Iluminação** é a obra que o Espírito Santo realiza no homem, dando-lhe entendimento das Escrituras, na medida em que ele lê ou ouve a Bíblia.

Quando notamos as diferenças entre revelação, inspiração e iluminação, podemos perceber que os homens inspirados por Deus concluíram suas atividades produzindo as Escrituras e que hoje Deus levanta pessoas que são iluminadas para transmitir o que foi inspirado por ele e que Deus, através do Espírito Santo, ilumina as pessoas quando lêem ou quando ouvem as Escrituras para que entendam

a sua verdade. Percebe-se, então, que a Bíblia é uma obra completa e não precisa de nada para completá-la. A Bíblia também não pode ser substituída por nenhum outro livro ou pelo ensinamento de qualquer pessoa, mesmo que ela diga ter a revelação de Deus.

Vimos no estudo anterior que revelação é o ato de Deus mostrar-se ao homem, através de meios naturais ou sobrenaturais, gerais ou específicos. Vimos, também, que as Escrituras são revelação de Deus ao homem, porque mostra de maneira completa e inerrante quem é Deus, vimos, ainda, que Deus usou homens para produzir esta revelação. Pois bem, é exatamente na transmissão da revelação que vamos encontrar a inspiração. A inspiração diz respeito à recepção da mensagem divina revelada e a sua transmissão e registro exatos e fidedignos.

O resultado da inspiração é que os escritos produzidos pelos homens que estavam sob a influência sobrenatural do Espírito Santo são autorizados e merecem confiança. Negar a inspiração é, portanto, negar a autoridade da Bíblia pois

sua autoridade origina-se da inspiração.

A doutrina da inspiração existe desde os tempos bíblicos, como veremos adiante, e continua sendo de suma importância para a fé daqueles que realmente desejam conhecer Deus e sua obra redentora. Não obstante, se é tão importante para a humanidade, também observa-se que tem sido a doutrina mais atacada pelos céticos, por aqueles que rejeitam o testemunho da própria Bíblia sobre a sua inspiração.

TESTEMUNHOS BÍBLICOS TEXTUAIS À INSPIRAÇÃO DAS ESCRITURAS

Eis alguns textos bíblicos para nos firmarmos na doutrina da inspiração divina para a transmissão das Escrituras:

1. 2 Timóteo 3:16,17. O texto afirma a inspiração divina de toda a Escritura. Não dá margem a especulações com respeito a alguns textos da Bíblia, que determinadas pessoas dizem ser sem inspiração ou questionáveis. Afirma, ainda, que toda a Escritura é proveitosa para o crescimento espiritual daquele que teme a Deus, demonstrando que a Bíblia não é somente uma fonte de conhecimento secular, humana, mas é de origem espiritual, divina.

2. 2 Pedro 1:20,21. Afirma a unidade da Escritura e a sua interpretação dogmatizada, ou seja, sem liberdade de entendimento e aplicações pessoais. Deixa bem claro que nunca foi produzida por vontade do homem, conforme seus critérios,

interesses e pensamentos, mas que foi por homens inspirados, movidos, dirigidos, orientados pelo Espírito Santo. Esse texto mostra que a Escritura é de origem divina.

3. Hebreus 1:1,2. Deus falou aos pais, pelos profetas. Os ditos dos profetas foram registrados na Escritura e ficaram para a posteridade como ensinamentos, alertas, revelações escritas, inspiradas por Deus. E a revelação que Deus nos fez através do seu Filho, também ficou registrada em escritos divinamente inspirados.

TESTEMUNHOS DE JESUS SOBRE A INSPIRAÇÃO DAS ESCRITURAS

Não bastassem os testemunhos bíblicos da doutrina da inspiração, vamos encontrar testemunhos impressionantes também nos ensinamentos de Jesus Cristo.

1. Jesus aceitava a inspiração do Velho Testamento. Ele constantemente citava as Escrituras dizendo "está escrito" (Mc 12:36) e, também, como fonte de anúncio da sua pessoa como o Messias, como o Filho de Deus prometido ao mundo (Jo 5:39).

2. Jesus declarou que as Escrituras são a Palavra de Deus. Discutindo com judeus acerca da sua divindade, Jesus buscou em texto bíblico (Salmo 82.6), a que chamou de lei, a base para a sua defesa, argumentando que havia uma afirmação de que homens são deuses, partindo do princípio de que, aceitando a lei, os judeus não

como dito antes, estava em companhia de Pedro, lhe deu as instruções necessárias, mas não deu a história dos discípulos de nosso Senhor..."O Evangelho foi escrito depois da morte de Pedro, provavelmente entre 65 e 68 d.C.

3. Evangelho de Lucas. Este evangelho, conforme sua própria introdução, é um tratado cuidadoso a respeito do ministério de Jesus Cristo e foi escrito pelo mesmo autor de Atos, o médico Lucas (Col. 4.14), de origem gentílica, provavelmente convertido em Antioquia, companheiro do apóstolo Paulo em muitos empreendimentos missionários (Atos 11.28; 16.10; 27.1,2ss). Teria escrito em torno do ano 60 d.C.

O objetivo é característico de um historiador: convencer seu leitor (tanto o Evangelho, quanto o livro de Atos foram escritos destinados a um certo Teófilo) sobre a exatidão histórica dos primórdios do cristianismo, centralizado na pessoa de Jesus. Lucas mostra, também, a universalidade do Evangelho e dirige-se, principalmente a leitores de origem gentílica (Teófilo, o destinatário da pesquisa de Lucas, era gentio).

Talvez por ser liberto dos conceitos judeus de salvação por mérito, Lucas apresenta com facilidade a realidade da salvação pela graça divina, como por exemplo, nas narrativas das parábolas do rico e Lázaro (16.19-31), do filho pródigo (15.11-32), e dos episódios de Zaqueu (19.1-10) e do ladrão na cruz (23.19-43).

4. O Evangelho de João. É o Evangelho mais diferenciado na estrutura, no estilo e no propósito, dos outros três. Não contém parábolas e apresenta somente sete milagres. As conversações pessoais de Jesus com indivíduos são várias e existem referências a poucos discursos públicos. É um Evangelho fortemente teológico e apresenta de maneira significativa a natureza da pessoa de Cristo e o significado da fé nele. É tão diferente que a narrativa do nascimento de Jesus é, na realidade, a narrativa de sua saída da eternidade e a entrada na temporalidade (1.1-14).

A mais antiga evidência da autoria por parte do apóstolo João, é encontrada, ainda, em Papias, sendo que também testificam dessa autoria: Clemente de Alexandria (190 d.C.), Orígenes (220 d.C.); Hipólito (c. 224 d.C.) E Tertuliano (c. 200 d.C.).

O Evangelho teria sido escrito no final do primeiro século, na Ásia Menor, possivelmente em Éfeso (João foi pastor dessa igreja), quando havia necessidade de as igrejas se firmarem no que é concernente à fé.

A ênfase desse Evangelho, do começo ao fim, é a necessidade da crença inabalável na Palavra de Deus personificada em seu Filho, Jesus Cristo, para que o indivíduo possa ser regenerado e salvo do sofrimento eterno. Podemos dizer que essa ênfase é encontrada em muitos textos do Evangelho e

Evangelho por Mateus e têm levantado a hipótese de que este teria sido escrito à partir do Evangelho de Marcos, devido à forte semelhança de muitos textos. Quanto a isto, devemos observar o seguinte: 1) *Esta afirmativa sutilmente diminui a autoridade do primeiro Evangelho* pois o coloca como se não fosse escrito por uma testemunha pessoal do ministério de Jesus. É um argumento que não pode merecer crédito, uma vez que para aceitá-lo teríamos que abandonar o testemunho de crentes que viveram em época bem próxima à sua escrita (entre 50 e 70 anos), para nos atermos às idéias de indivíduos que viveram ou vivem distanciados cerca de 2.000 anos daquela época. Não há nenhuma inteligência nesse comportamento. 2) *É mais lógico concluirmos que Marcos tirou informações de Mateus*. Isto porque o Evangelho de Marcos tem menor conteúdo e foi escrito por quem não testemunhou pessoalmente do ministério de Jesus. Este pensamento corrobora com a idéia de que houve um documento original (chamado pelos estudiosos de “documento Q) que serviu de fonte para a escrita dos três Evangelhos”, e que teria sido o citado por Papias, *logia de Mateus*.

O conteúdo do Evangelho de Mateus é voltado, principalmente, para a pessoa do Messias e sua salvação universal. Há uma ênfase muito grande no rompimento de Cristo com as tradições acrescentadas pelos judeus às Escrituras e o

envolvimento de Jesus com publicanos e pecadores (Mat 9.11; 11.19; 21.31).

Fugindo aos padrões do judaísmo, Mateus, no início do seu Evangelho, relaciona mulheres na genealogia de Jesus, inclusive sendo duas não judias (Raabe e Rute) e uma que praticou adultério com Davi (Mat. 1.5,6). É o único Evangelho que faz referência à futura igreja de Cristo (Mat. 16.18) e é encerrado com uma ordem explícita de Jesus para que seus discípulos façam mais discípulos dele em todas as nações do mundo.

2. Evangelho de Marcos. A tradição dos primeiros cristãos identifica o autor deste Evangelho como sendo João Marcos, que foi ajudante de Paulo e de Barnabé e companheiro de Pedro. Filho de Maria (Atos 12) na casa de quem realizou-se a reunião de oração em favor da libertação do apóstolo Pedro. Na época da crucificação de Jesus teria cerca de 20 anos e era bem relacionado com os dirigentes cristãos no começo da igreja. Papias, Ireneu e Orígenes (c. 225 d.C) afirmaram que Marcos, ao escrever seu Evangelho, foi, na realidade, intérprete de Pedro. Com muita probabilidade é a ele que Pedro faz referência em sua primeira carta (1 Pedro 5.13). Papias, citado por Eusébio, diz o seguinte: “Marcos o intérprete de Pedro, escreveu tudo que dá registo com grande exatidão, mas não, no entanto, na ordem em que foi falado ou realizado por nosso Senhor, pois ele nem ouviu nosso Senhor nem andou com ele, mas,

poderiam, então, questionar o fato de ele afirmar “Sou Filho de Deus”. O diálogo é encontrado no final do capítulo 9 do Evangelho de João e em todo o capítulo 10. No versículo 35 do capítulo 10, encontramos uma afirmação impressionante de Jesus, quando, referindo-se à lei como a Palavra de Deus, declara, ato contínuo, que “a Escritura não pode ser anulada”. Ou seja, para Jesus, a Escritura e a Palavra de Deus são uma coisa só.

3. Jesus utilizava as Escrituras nos seus ensinamentos. Quando foi interrogado sobre o divórcio, Jesus citou Gên 2.24 (Mat 12.2-9); quando proferiu o chamado Sermão do Monte, enfatizou vários ensinamentos da Lei; quando chegou a uma sinagoga e recebeu o livro do profeta Isaías, leu uma profecia e disse que nele aquela profecia estava se cumprindo (Luc 4.16-21). Quando conversava com um grupo de saduceus a respeito da ressurreição, disse que eles erravam por não conhecerem as Escrituras (Mat 22.29); e quando instruíu os dois discípulos no caminho de Emaús, a respeito dele próprio, citou-lhes as Escrituras (Luc 24.27).

POSIÇÕES TEOLÓGICAS SOBRE A INSPIRAÇÃO DAS ESCRITURAS

Infelizmente, apesar de tantas evidências bíblicas e baseadas em Jesus sobre a inspiração das Escrituras, muitos teólogos divergem em suas opiniões a respeito do assunto. Consideraremos a seguir os três

pontos de vista mais difundidos a respeito.

1. A posição dos teólogos liberais. Dizem que as doutrinas bíblicas devem passar pelo teste da razão e da experiência do homem. Esses teólogos ensinam o seguinte: a) que as Escrituras se restringem a um tempo com suas particularidades e culturas temporais; b) que a Bíblia é apenas uma das maneiras pelas quais Deus fala ao homem, podendo ser a Bíblia equiparada à revelação que ele faz através da natureza, da filosofia e das artes. Defendem a teoria da inspiração natural, ou seja, de que homens com inteligência e perspicácia fora do comum, teriam a capacidade pessoal de reunir fatos históricos e de prever situações futuras a partir de situações momentâneas, e produzir profecias e ensinamentos para a época em que viviam e para as épocas futuras. Para os liberais, a Bíblia é o resultado de um processo evolutivo resultante do raciocínio e da experiência humana.

2. A posição dos teólogos neo-ortodoxos. Os neo-ortodoxos enfatizam o que o homem não se encontra com Deus nas palavras da Bíblia, mas quando lê essas palavras. Segundo eles, Deus fala ao homem de modo pessoal, variando de pessoa para pessoa. Ou seja, crêem que o texto bíblico assume mensagens diferentes e pessoais, para cada indivíduo que lê as Escrituras. Crêem, na realidade, na interpretação pessoal e particular das Escrituras. Em resumo, crêem que a Bíblia não é a Palavra de Deus, mas se torna a Palavra de Deus depen-

dendo da vontade de Deus para com o indivíduo que a lê.

Defendem, ainda, a idéia de que a verdade divina foi expressa em *mitos religiosos* e que devemos, ao estudar as Escrituras, considerar os erros e os mitos como não fazendo parte do texto divinamente inspirado e que devem ser estudados à luz das realidades passadas.

3. As posições dos teólogos conservadores. Os chamados conservadores dividem-se entre algumas teorias, sendo as principais a teoria do ditado verbal, a teoria dinâmica e a teoria da inspiração plenária.

a) A teoria do ditado verbal ou mecânico, que também é conhecida como teoria da inspiração mecânica, é defendida pelos ultra-conservadores (também chamados de fundamentalistas). Esta teoria diz que Deus ditou todas as palavras registradas pelos escritores bíblicos. As objeções a esta teoria se fundamentam no fato de Deus ter usado homens que deixaram a marca da sua personalidade e do seu estilo naquilo que escreveram. Se toda a Bíblia tivesse sido ditada, então, toda ela seria escrita num único estilo. Não resta a dúvida, no entanto, de que algumas partes da Bíblia, como os Dez mandamentos e profecias, foram dadas por ditado verbal ou pelo próprio Deus.

b) A teoria dinâmica diz que Deus conduziu os escritores bíblicos a expressarem os conceitos que ele queria que fossem registrados, sem escolher, no entanto, as palavras. Deus inspirou aos escritores os pensamentos ou idéias e não as

impôs, dando aos escritores a liberdade de se expressarem em suas próprias palavras, com seus próprios estilos.

c) Teoria da inspiração plenária. Segundo esta teoria “todas as palavras foram inspiradas por Deus, tendo ele dado plena expressão aos seus ensinamentos nos relatos bíblicos, guiando os escritores em escolher as palavras que eram características de sua época e cultura, mas que expressavam, adequadamente, a revelação divina” (Viertel, 1987, pág. 54). Sendo assim, toda a Bíblia foi inspirada por Deus e não somente algumas partes dela.

A posição que este autor assume é conservadora, no sentido de crer que a Bíblia é totalmente inspirada por Deus, mas pode ser observado que em determinados trechos das Escrituras são encontrados ditados (já citamos os dez mandamentos); em outros são encontradas narrativas em que o autor expressa livremente seus próprios pensamentos (quando o apóstolo Paulo afirma, por exemplo, “digo eu, não o Senhor”); e em outros (na grande maioria) observamos a inspiração plenária.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Isaías 8.1-13

Terça - Isaías 20.1-6

Quarta - Isaías 66

Quinta - Jeremias 2.1-9

Sexta - Jeremias 7.1-8

Sábado - Jeremias 10.1-14

Estudo 9

O NOVO TESTAMENTO Os Quatro Evangelhos

Tal qual o Velho Testamento, o Novo Testamento está organizado de acordo com os grupos literários dos livros que o compõem. Os grupos são:

LIVROS BIOGRÁFICOS

Os livros considerados biográficos são os quatro Evangelhos, **Mateus, Marcos, Lucas e João** e assim são considerados por conterem as narrativas da vida de Jesus aqui no mundo, incluindo seu nascimento, ministério, morte, ressurreição e ascensão.

Os três primeiros são chamados de sinóticos por apresentarem as narrativas sob perspectivas muito semelhantes, apesar de manterem suas diferenças literárias. O quarto evangelho apresenta a narrativa da vida de Cristo sob uma perspectiva não apresentada nos três primeiros, contendo muitos textos que lhe são peculiares e sendo o mais rico em aspectos teológicos, apesar da sua linguagem simples.

1. O Evangelho de Mateus - Desde os primórdios da era cristã, a autoria é atribuída a Mateus, que fora publicano (ou cobrador de impostos) e que, ao chamado de Jesus, deixara

tudo para segui-lo (Mat 9.9-13; 10.3). Papias, bispo de Hierápolis, na Frígia, possivelmente discípulo do apóstolo João, em meados do segundo século escreveu *Interpretações dos Ditos do Senhor*, cujos fragmentos podem ser encontrados transcritos na obra de Eusébio (c. 325 d.C.) *História Ecclesiae*, onde afirma que Mateus escreveu sua obra primeiramente em aramaico, sendo depois traduzida para o grego. Irineu (c. 175 d.C.), afirmou que “Mateus publicou também um Evangelho entre os hebreus no seu próprio dialeto, enquanto Pedro e Paulo pregavam em Roma e punham os fundamentos da Igreja” (citado por Tenney, Merrill C., *Em O Novo Testamento, Sua Origem e Análise*, São Paulo, Edições Vida Nova, 2a. Ed., 1972).

Quanto à data da sua escrita original (muitos estudiosos crêem que Mateus tenha feito primeiro anotações generalizadas em aramaico e que depois tenha escrito o Evangelho definitivo em grego), o testemunho de Irineu o coloca no tempo de Nero, entre 50 e 70 d.C.

Modernamente, teólogos liberais têm questionado a autoria do

Na Babilônia recebeu educação para servir ao rei e logo alcançou grande reputação por sua inteligência e sabedoria (1.20ss), sendo nomeado governador de toda a Babilônia por Nabucodonozor (2.48). Atravessou os reinados de Evil-merodach (561-559a.C.), Neriglissar (559-556 a.C.), e Nabonido (555-539 a.C.) sem que haja qualquer registro a seu respeito e, aparentemente, sem o seu cargo de governador. Só no banquete de Belsasar é que volta a cena (cap 5), quando, num momento de grande temor por causa de uma visão em uma parede, é lembrado como homem em quem habitava o Espírito de Deus e cheio de sabedoria (5.5-13). Após a queda de Belsasar, diante dos Medos e Persas, Dario, rei medo, o colocou à frente de um comitê de governadores, pensando em colocá-lo à frente de todo o reino.

Viveu até o terceiro ano do reinado de Ciro, o Grande (10.1; 1.21); na década de 530 d.C.

1. O caráter de Daniel. Era um homem obstinado, inteligente e fiel a Deus (cap 1). Soube reconhecer sua situação de escravo, apesar de não perder a dignidade e chegar a ocupar, por duas vezes, posição de destaque acima de babilônicos que eram seus senhores.

Sabia separar seus deveres de servo de homens, dos seus deveres de servo de Deus, colocando sempre este acima daqueles. Em momentos de confronto, fazia prevalecer a sua fidelidade a Deus (1.8; 6.1-10) que constantemente galardoava.

2. Sua mensagem. O tema básico do livro é a soberania de Deus que governa sobre todas as coisas, inclusive reinos e natureza, fazendo impor a sua vontade, exercendo juízo, guardando os que o temem e libertando os que confiam nele.

Sua profecia abrangia tanto a sua época, quanto a época futura próxima e o final de todas as coisas. Anunciou a queda do império Medo-Persa, a ascensão e queda do império grego e a instalação do império romano (7.1-8; 8.1-27), assim como anunciou também a instalação do reino de Deus e a entronização do Messias (7.9-14).

Na visão das setenta semanas (9.20-27); e na anunciação de tribulações (11.1-45; 12.1-13), há profecias para bem próximo à sua época, mas há profecias escatológicas, onde é anunciado, inclusive, o final dos tempos.

Estudando os profetas, sejam com longas ou curtas mensagens, temos que reconhecer o que o Senhor Jesus afirmou: eles sempre testificam do Messias. Suas mensagens se resumem em anunciar a necessidade de o homem se curvar ante o senhorio de Deus, confiando sempre em sua Palavra e providência para a salvação, que se manifestaria no Messias.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Isaías 6.1-13

Terça - Isaías 32

Quarta - Isaías 35

Quinta - Jeremias 1

Sexta - Ezequiel 2

Sábado - Daniel 1

Estudo 6

O VELHO TESTAMENTO A Lei e os Livros de História

Já vimos que a Bíblia é, na realidade, uma biblioteca com 66 livros que foram escritos por cerca de 40 autores. Como qualquer biblioteca, ela tem uma organização bastante lógica e prática, e está dividida em duas seções principais: o Velho Testamento, que é composto de 39 livros; e o Novo Testamento, que contém 27 livros.

Estas duas seções levam o nome comum *Testamento*, que é originada do latim *testamentum*, palavra correlata à expressão hebraica *berit* e à grega *diathêkê*. Ambas significam *aliança*, *pacto*, *concerto*, *contrato*, *testamento*. A expressão *testamento* é bastante adequada para traduzir o significado das palavras *berit* e *diathêkê*, uma vez que representam um pacto feito a partir de quem tem poder plenário, envolvendo duas partes, porém, sendo os critérios estabelecidos por uma parte e, apenas podendo ser aceito ou rejeitado pela outra parte, que nunca pode modificá-lo. Refere-se aos dois pactos feitos por Deus com o homem: o primeiro, o antigo, um pacto provisório onde os símbolos, também provisórios, apontavam para um pacto futuro, definitivo, sendo este o segundo,

selado com o sangue do Cordeiro de Deus, seu Filho.

A palavra *berit* é usada em vários textos do Velho Testamento, por exemplo, Jeremias 31.31-34 - quando Deus fala de uma nova aliança, através do profeta - e a palavra *diathêkê* é também usada muitas vezes no Novo Testamento. Foi utilizada por Jesus quando instituiu o memorial da sua morte, demonstrando que estava tornando velho o antigo pacto feito por Deus e estava dando início a um novo concerto, realidade que é bastante explicitada na carta aos Hebreus, principalmente no capítulo 8 e que, com naturalidade, foi colocada em prática pelos crentes primitivos, inclusive na divisão das Escrituras.

O CONTEÚDO DO VELHO TESTAMENTO

O Velho Testamento é, principalmente, o registro do antigo pacto (ou aliança) de Deus com o homem. Narra a criação do homem, sua queda imediata e subsequentes atos de pecado, demonstrando o fracasso do homem em corresponder às suas responsabilidades perante Deus. Narra, também, as atividades divinas para promover um plano

redentor para a humanidade perdida e, na narrativa, vemos Deus separando um homem para dele formar uma nação através da qual nasceria o Filho do Homem que traria a redenção através de um sacrifício pessoal e voluntário.

Seu contexto é de grande valia para o conhecimento da pessoa de Deus e, conseqüentemente, para uma vivência que o agrade, uma vez que registra extensas narrativas de atos humanos que agradam ou desagradam ao Senhor e, também, narrativas onde é manifestada a sua vontade para o comportamento do homem, no que é relacionado com o próprio Deus ou com o semelhante, homem.

Se considerarmos no aspecto literário, o Velho Testamento termina no livro de Malaquias e o Novo Testamento começa no Evangelho de Mateus. No entanto, não se pode confundir o Velho e o Novo Testamentos no aspecto de divisão literária, com o Velho e o Novo Testamentos no que concerne ao cumprimento de etapas no plano de Deus para a salvação da humanidade.

Neste aspecto, o Velho Testamento termina e o Novo Testamento inicia no sacrifício de Jesus. Com a morte de Jesus não há mais lugar para cultos sacrificiais provisórios com seus rituais e regras religiosas, uma vez que se cumpriu a promessa de Deus de sacrificar o seu Cordeiro, o seu próprio Filho.

AS DIVISÕES DO VELHO TESTAMENTO

A Bíblia tem suas duas divisões principais no aspecto temporal e de acordo com o plano de Deus para a salvação do homem. Mas o restante de suas divisões não obedecem a uma cronologia histórica, porém ao aspecto literário. Está dividida, tanto no Velho, quanto no Novo Testamento, por grupos literários. Ou seja, cada tipo de literatura pertence a um mesmo grupo de livros quando à sua espécie literária.

Sendo assim, daqui por diante, através de alguns estudos seguintes, estaremos estudando os livros do Velho Testamento dentro dessas divisões.

1. Os Livros da Lei. São cinco: **Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.** Eram chamados pelos judeus de *Torah*, que significa *Lei* ou *Instrução*. São também conhecidos como *Pentateuco* e foram escritos por Moisés, que começou a escrevê-los quando o povo havia iniciado sua peregrinação pelo deserto, sob as ordens do próprio Deus, cerca de 1500 anos a.C. Talvez seja o conjunto de livros cuja autoria e datação sejam mais criticados por eruditos, que insistem em dizer que teriam sido escritos em período pós-exílico, na Babilônia. No entanto, além das evidências internas da autoria de Moisés, temos palavras do Senhor Jesus que autenticam sua autoria, quando se refere à Lei como tendo sido escrita por Moisés.

Por sua vontade não seria um profeta porque sentia-se muito imaturo (1.6), mas, diante da palavra firme de Deus, aceitou o ministério. Era um homem que amava o seu povo e nutria sentimentos profundos de amizade, mas teria que transmitir as palavras de juízo de Deus para o seu povo (1.16). Quando zombado por seus companheiros, deixou escapar como que um grito de angústia pela sua tarefa, dizendo a Deus de como foi vencido por ele (20.7). Amando o seu povo, tinha que anunciar a sua escravidão, sendo amigável, tinha que conviver com o desprezo dos companheiros.

Mas é nesse conflito que Jeremias mostra toda a sua força espiritual porque enfrenta seus próprios sentimentos e a perseguição externa para se manter fiel ao Deus que reinava em seu coração. O sentimento de fidelidade a Deus era tão forte que, somente em pensar em não falar mais em nome dele (anunciar a sua Palavra), o seu coração queimava como fogo e crescia dentro dele uma força incapaz de ser contida (20.9).

Ao que parece, esse sentimento vai desaparecendo com o passar do tempo em que o próprio Deus vai proporcionando ao seu servo o companheirismo que tanto buscava e vai confortando-o cada vez mais. A sua mensagem torna-se cada vez mais vigorosa e os seus lamentos vão desaparecendo.

EZEQUIEL

Seu nome em hebraico é **Yezeqel** que significa “Deus fortalece”. Era

um sacerdote e deveria ter origem nobre, já que o nome de seu pai é mencionado. Foi deportado para a Babilônia na primeira leva de judeus (597 a.C.), e viveu em Tel-abib (3.15), cerca de cinquenta quilômetros ao sul de Babilônia, às margens do rio Eufrates. Era casado e era uma pessoa destacada entre os desterrados, já que ocupava lugar entre os anciãos judeus (8.1; 14.1; 20.1).

1. Período do seu ministério. Sua chamada aconteceu no ano 592, através de uma visão 1.2ss) e sua atividade profética se divide em dois períodos: 1) de 592 a 586 a.C., quando se dedicou a pregar exclusivamente o arrependimento e o juízo; e 2) de 587 a 570 a.C., quando se dedicou a mensagens de consolação e reforma.

2. Sua mensagem. O tema central da mensagem de Ezequiel gira em torno da verdade de que Deus emprega medidas corretivas ao seu povo, a fim de evitar o seu desvio total; mas que restaura os que se arrependem, colocando-os novamente em condições de adorá-lo eternamente. A pregação de Ezequiel é, também, messiânica e escatológica.

DANIEL

Seu nome significa “Deus é Juiz” (**Dāniyyel**). Com muita probabilidade era um nobre de nascimento (1.3), de aparência agradável. Tinha cerca de vinte anos de idade quando foi deportado para a Babilônia e havia crescido durante o reinado de Josias, o grande reformador religioso de Israel.

da Babilônia. Isaías previu uma destruição pela Assíria e envidou todos os esforços para evitá-la. 3) Com a morte de Sargão e a ascensão de Senaqueribe ao trono da Assíria, Judá se aliou a nações vizinhas e se rebelou contra o domínio assírio e Senaqueribe sitiou a cidade, desafiando YAHVEH a evitar sua destruição. Isaías anunciou que o rei da Assíria fracassaria no seu intento.

2. O tema central da sua mensagem. O tema central é a salvação recebida somente pela graça e pelo poder de Deus, que redime aquele que confia plenamente em sua Palavra, manifestada e empenhada no Messias, que está constantemente presente em suas anunciações de restauração, salvação e paz. Devido a essa presença constante, o profeta tem sido identificado como “O Profeta Evangélico”. Deve ser observado com atenção o fato de que a seção final do livro (cap. 40 a 66) estar estruturada de modo a apresentar primeiramente o Deus verdadeiro e a sua justiça sobre a impiedade (40.1-48.22); depois apresenta o Messias e o meio de salvação (49.1-57.21); e, finalmente, o resultado escatológico da ação do Messias (58.1-66.24).

JEREMIAS E LAMENTAÇÕES

O nome desse profeta (**Yirme-Yáhu**) significa “YAHVEH lança” e ele nasceu durante o reinado do ímpio Manassés (cerca de 646 a.C), filho de uma família sacerdotal, em um lugar chamado Anatote, a poucos quilômetros de Jerusalém.

1. Seu ministério. Iniciou seu ministério com cerca de 20 anos, durante o reinado de Josias (626 a.C), período em que desfrutou de cordiais relações com o rei, a quem apoiou na reforma empreendida. Com a morte súbita de Josias em Megido, lamentada profundamente por Jeremias, e a assunção de Jeoaquim ao trono, a situação mudou completamente porque o rei, os religiosos judeus, sacerdotes companheiros e parentes seus, se voltaram contra ele por causa de suas pregações contra a falta de fidelidade a Deus e contra a falta de sinceridade na adoração a Deus (cap. 7-10).

O rei Zedequias, que sucedeu Jeoaquim em sua rápida passagem pelo trono, permitiu que Jeremias fosse preso pelos nobres judeus que o viam como um traidor, por causa da sua pregação de que deveriam ser submissos à Babilônia porque essa submissão era decretada por Deus. Passou por sofrimentos terríveis no fundo de uma fossa, mas sua morte foi evitada pelo rei, que tinha ainda algum respeito a ele, e que o escondeu até a queda de Jerusalém.

Quando invadiram Jerusalém, os babilônicos ofereceram posição de honra na Babilônia, mas Jeremias recusou, preferindo continuar em Jerusalém. Depois foi levado por fugitivos rebeldes contra a Babilônia para o Egito e no exílio veio a encontrar o fim de seus dias.

2. Seu caráter e sua pregação. Jeremias era um homem de sentimentos conflitantes que são expostos com clareza em suas mensagens.

2. História - Os livros históricos são doze, e, destes, alguns (Josué, Juízes, Samuel e Reis) são classificados na Bíblia hebraica como primeiros profetas ou profetas anteriores. São os seguintes:

a) Livro de Josué - Antes mesmo que Jesus viesse ao mundo, os judeus já consideravam Josué como sendo o autor do livro que leva o seu nome, apesar de se reconhecer que há alguns poucos trechos que teriam sido acrescentados por Eleazar ou seu filho Finéias (15.13-17; 19.47; 24.20,30). Relata a história de Israel a partir da travessia do rio Jordão e as vitórias do povo de Deus, amparado por ele, para entrar na posse da terra prometida. O nome de Josué na forma hebraica é **Yehoshua**, que é o mesmo nome de Jesus e que significa “a salvação vem de Jeová”.

b) Livro de Juízes - O nome hebraico deste livro é **Shōphetim**, e o que está na Septuaginta, em grego, é **Kritai**, ambos significando “Juízes”. Este título é derivado do tipo de governo que existia em Israel, em um período imediatamente posterior a Josué e anterior a Saul. Um governo teocrático, onde os líderes eram apenas instrutores e moderadores que só podiam agir em conformidade com a vontade de Deus. Há evidências internas no livro que indicam ter começado a ser escrito em algum período antes da tomada de Jerusalém por Davi, cerca de 990 a.C., e ter sido completado no começo do reinado de Davi,

mas não existem evidências a respeito de quem teria sido o seu autor. O livro narra as falhas de Israel com respeito à obediência à aliança, mesmo sob a liderança de homens escolhidos por Deus, e, também, a paciência de Deus em levantar líderes para conduzirem seu povo para fora da opressão dos inimigos que sempre vinha por causa da desobediência.

c) Livro de Rute - Este livro é a narrativa histórica de episódios na vida de uma moabita, ancestral de Davi e, conseqüentemente, da linhagem de Jesus. Sua composição pertence à época dos juízes. Seu autor é desconhecido e os ensinamentos básicos são o da universalidade da comunhão com Deus, pelo arrependimento e crença no Senhor, ficando isto demonstrado claramente pela providência divina em incluir uma gentia na linhagem do Messias.

d) Livros de 1 e 2 Samuel - Na Bíblia Hebraica estes dois livros eram considerados um livro único, mas os judeus de Alexandria os subdividiram em dois livros, que juntamente com os livros dos Reis, formavam os quatro livros dos “reinos”. Registram, principalmente, o início da monarquia no povo de Israel, a carreira de Samuel, o reinado de Saul e de Davi, que apesar de reinar, estabeleceu uma verdadeira teocracia.

e) Livros de 1 e 2 Reis - Estes livros que originalmente eram um só no cânon hebraico, são um relatório

dos reinados dos reis de Judá e Israel desde a época de Salomão, até a época da queda de Judá para os exércitos de Nabuconodotor, em 587 a.C. Parece que a preocupação principal do autor, era demonstrar as atitudes que os soberanos e o povo assumiam para com Deus, suas responsabilidades dentro da Aliança, fossem elas de obediência ou de desobediência ao Senhor. Uma tradição talmúdica indica que Jeremias teria sido o autor do Livro dos Reis, com exceção do último capítulo, que teria sido escrito por um autor desconhecido, após a queda de Jerusalém, provavelmente no começo do exílio babilônico, como conclusão do livro.

f) Livros de 1 e 2 Crônicas - Na Septuaginta estes livros são referidos como “as coisas omitidas referentes aos reis de Judá”. Foi escrito muito depois do livro dos Reis, o que fica demonstrado, principalmente, por uma referência a um membro da dinastia de Davi pertencente à Sexta geração depois de Zorobabel (1 Cron 3.19-24) e pela utilização de expressões de origem persa. A data de composição teria sido entre 450 e 425 a.C. E a autoria pertenceria a Esdras.

g) Livros de Esdras e Neemias - Juntamos os dois livros para esta breve informação, porque não resta a menor dúvida de que foram, originalmente, um só livro, apesar de estarem separados no cânon atual do Velho Testamento. São livros de

de valor inestimável como única fonte de conhecimento histórico sagrado que possuímos imediatamente posterior ao regresso do povo judeu do exílio babilônico. Foram completados entre os anos 350-300 a.C., E foram compilados de material escrito por Esdras e Neemias, pessoalmente.

h) Ester - As tradições judaicas que remontam a Josefo (historiador judeu do início da era cristã), afirmam que Mardoqueu (Mordecai) foi o autor do livro. A história narrada do livro é uma ilustração impressionante da providência de Deus libertando e preservando seu povo daqueles que planejavam, maliciosa e obstinadamente, a sua destruição. A data da composição, mais provável, é a segunda metade do quinto século a.C., Período quando a Pérsia dominava os judeus, mais precisamente no final do reinado de Xerxes (465 a.C.).

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Êxodo 12
Terça - Êxodo 19.1-8
Quarta - Josué 1.1-9
Quinta - Juízes 2
Sexta - 1 Samuel 2.18-26
Sábado - Esdras 1

Estudo 8

O VELHO TESTAMENTO Os Profetas Maiores

Os profetas maiores, assim denominados devido extensão de suas mensagens, são quatro e suas profecias foram anunciadas antes (Isaías e Jeremias) e durante o exílio babilônico (Ezequiel e Daniel).

ISAÍAS

Seu nome é **Yesha'-Yahu**, que significa “YAHVEH é salvação”. Nasceu no ano 760 a.C., na mesma época em que Amós profetizou em Betel. Foi contemporâneo (ainda jovem) de Oséas e, na idade mais adulta, de Miquéias. Era filho de um homem também chamado Amós e, pelo conteúdo da sua mensagem, parece ter sido criado em ambiente de nobreza, provavelmente tendo nascido e sido criado em Jerusalém. Casou-se com uma profetiza (8.3), de quem teve um filho. Seu ministério iniciou no ano da morte do rei Uzias (cerca de 740 a.C) e se prolongou durante os reinados de Jotão, Acáz e Ezequias, até 698 a.C. Uma tradição judia afirma que Isaías foi martirizado por Manassés, tendo seu corpo serrado ao meio, ao ser encontrado escondido dentro de um tronco oco, quando já era um octogenário.

1. Situação do povo de Deus no tempo da sua profecia. Profetizou

em um período em que aconteceram três grandes crises políticas com o povo de Israel: 1) Em 735 a.C. O rei Peca de Israel (reino do Norte) e Rezim, da Síria, se aliaram contra Tiglath-pileser, da Assíria e intimaram Acáz, rei de Judá (reino do Sul) a se aliar também. Ante a recusa, os dois reis se levantaram contra o rei de Judá que, assustado, pediu ajuda a Tiglath-pileser. Nesse ponto Isaías foi comissionado especificamente para anunciar a Acáz que deveria confiar somente em Deus e não na Assíria (Isa 7.1 ss). Acáz não lhe deu ouvidos e fez aliança com a Assíria, que realmente derrotou a Síria em 732 a.C., Executou Peca e o substituiu por Oséias. O pacto que Acáz fez com a Assíria custou a introdução de um culto assírio no templo de Jerusalém. Calculando que a sua política tinha alcançado êxito, Acáz iniciou conversações com o Egito a fim de aliar-se àquele país contra o domínio da Assíria. Isaías entrevistou e dessa vez Acáz o ouviu. 2) Ezequias, sucessor de Acáz, retirou o culto idólatrico do templo e incentivou o povo a adorar a Deus. Mas fez aliança com a Filistia, Edom, Moabe e Egito para conspirar contra a Assíria e estabeleceu relações amigáveis com o rei

e 753 a.C., na parte final do reinado de Jeroboão e sua mensagem é dirigida ao reino do Norte, Israel.

4. Livro de Obadias. Apesar da dificuldade em se reconhecer uma data de composição do livro, tem sido aceito que sua profecia refere-se a algum período imediatamente seguinte à queda de Jerusalém, tomada pelos babilônicos. É o menor livro do Velho Testamento.

5. Livro de Jonas. O nome do profeta significa “pombo” (*Yōnāh*) e é referido em 2Reis 14.25. A composição do livro aconteceu cerca de 760 a.C. e o tema do livro é a narrativa de acontecimentos na vida do profeta que demonstram a misericórdia de Deus que se estende a todos quantos se arrependem dos seus pecados e a necessidade de ser pregada a mensagem de salvação.

6. Livro de Miquéias. Este profeta era do reino de Judá e provavelmente de origem humilde. Seu nome significava “Quem é como o Senhor?” e a sua mensagem gira em torno da necessidade de uma renovação de vida prática mediante a fé salvadora que é depositada em Deus. Essa vida debaixo da fé seria manifestada em santificação e comunhão com os irmãos. Foi contemporâneo do profeta Isaías.

7. Livro de Naum. Sua mensagem data de um período entre 612 e 661 a.C. e contém a previsão da queda de Nínive, e o tema central é a santidade de Deus e a sua compaixão para com os que pertencem a ele, crendo exclusivamente nele.

8. Livro de Habacuque. É uma bela mensagem de fé e dedicação a Deus, mesmo diante de dificuldades extre-

mas. O profeta exerceu seu ministério durante o reinado de Jeoaquim e entregou sua mensagem entre 607 e 606 a.C.

9. Livro de Sofonias. Provavelmente seria bisneto do rei Ezequias e anunciou sua mensagem antes de 621 a.C. Seu tema central é que Deus está firmemente no controle de todas as coisas e a necessidade de arrependimento diante do juízo de Deus.

10. Livro de Ageu. Seu nome em Hebraico é *Haggay* e quer dizer “festivo”. O tema de sua mensagem é a necessidade de se colocar em primeiro lugar as coisas de Deus para que se possa ser abençoado. São quatro sermões que foram entregues num período de três meses, no ano 520 a.C.

11. Livro de Zacarias. Sua mensagem é a anunciação de que Deus preservará o seu povo de todos os opressores que procuram extingui-lo. É uma mensagem escatológica e abrange a todo o povo de Deus assim feito por crer no Messias.

12. Livro de Malaquias. O tema geral deste livro é a necessidade de o povo de Deus se voltar completamente para ele para que possa receber as bênçãos que são prometidas fielmente. Suas mensagens foram proclamadas cerca de 435 a.C. e, a partir deste profeta, Deus não falou mais ao seu povo até João Batista.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - *Oséias*; Terça - *Ageu e Obadias*; Quarta - *Joel e Naum*; Quinta - *Habacuque*; Sexta - *Amós*; Sábado - *Malaquias*

Estudo 7

O VELHO TESTAMENTO

Os Livros de Poesia e Os Profetas Menores

Continuando nossos estudos a respeito do Velho Testamento, incluímos em um só estudo, por questão de espaço, duas divisões literárias, os livros chamados de Poesia e os Profetas Menores.

OS LIVROS DE POESIA

Já em épocas bastante recuadas da história existiam hinos compostos por povos antigos, vizinhos de Israel, principalmente egípcios e acadianos. Descobertas arqueológicas comprovaram a existência de poesias em língua bastante semelhante ao Hebraico, datando de 1500 anos a.C. Estes fatos históricos estão, também, registrados na Bíblia, através do que se convencionou chamar de “Literatura Poética” encontrada no cânon do Velho Testamento. São textos de adoração, históricos, de sabedoria e proféticos em forma poética e são os que enumeramos a seguir.

1. Livro de Jó - O nome em hebraico desse livro é *Tyyōb*, que provavelmente seria derivado de uma raiz árabe que significa “arrepender-se”. Segundo Gleason L. Archer Jr., em sua obra *Merece Confiança o Antigo Testamento*, 4a. Edição, São Paulo, Edições Vida

Nova, 1991, o livro “trata com o problema da dor na vida dos fiéis. Procura responder à pergunta: Por que os justos sofrem?” Vê no conteúdo do livro uma resposta tríplice à pergunta: “1) Deus merece nosso amor à parte das bênçãos que concede; 2) Deus pode permitir o sofrimento como meio de purificar e fortalecer a alma em piedade; 3) os pensamentos e os caminhos de Deus são movidos por considerações vastas demais para a mente fraca do homem compreender.” (pág 407,408).

É um livro de grande valor para a visão da necessidade de persistência em fidelidade a Deus e, torna-se impressionante pelo fato de Deus aceitar o desafio de Satanás, permitindo que este colocasse à prova o seu servo (Jó 1.6-12), pela persistência de Jó em temer a Deus e, finalmente, pelo seu restabelecimento físico e fortalecimento espiritual, demonstrado em suas palavras: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem.” (Jó 42.5).

Não há qualquer indicação consistente a respeito da autoria do texto e a data da sua composição também é desconhecida. Pelo fato de o pano de fundo cultural não ser

Hebraico, torna-se extremamente difícil de se determinar a ocasião em que foi escrito e o seu autor. Sabe-se, apenas que Jó pertenceria a um povo de Uz, região que se localizava no deserto da Arábia. Apesar de algumas refutações, estudiosos se inclinam acreditar que os acontecimentos sejam bem anteriores a era de Moisés.

2. Livro de Salmos. O que hoje temos apenas como letra poética, na realidade eram o livro dos cânticos de louvor a Deus do povo hebreu. Seu título em hebraico é **Tehillim**, que significa exatamente “Cânticos de Louvor”. O título que temos hoje é transliterado do título grego colocado na Septuaginta, **Psalmoi** que significa “cânticos para instrumentos de cordas”. É uma coletânea de 150 cânticos, de diversos autores que podem ser definidos apenas pelos títulos que contêm seus nomes e destes são os seguintes autores: Moisés - um salmo (90); Davi - setenta e três salmos (a maioria contidos entre Salmo 1 e Salmo 72); Asafe - 12 (50, 73 a 83); dos descendentes de Coré - dez salmos (42, 44 a 49); Salomão - dois (72, 127); Hemã, o Ezraíta - um (88); e Etã, o Ezraíta - um (89).

Os temas dominantes nos Salmos são a bondade e a graça de Deus que é manifestada aos seus servos através da sua providência amorosa, em momentos de aflições ou fraquezas. Há muitos salmos que contêm revelações e pensamentos do próprio Deus e muitos deles têm conotação profética quanto ao Messias (p. ex. Salmos 2; 8; 16, 22, 23, 45, 69, 72, 91 e 110, 118),

principalmente os de Davi que, curiosamente, fala do rei na terceira pessoa e não na primeira, como que se referindo a outra pessoa que não seria ele.

Notadamente não é um livro que tenha uma data definida em que foi escrito, uma vez que é uma compilação de vários cânticos, de diversas épocas da história do povo de Israel. Sabe-se, apenas, que o mais antigo data de cerca de 15 séculos antes de Cristo, escrito por Moisés e que não há qualquer Salmo que ultrapasse o ano 430 a.C.

3. O Livro de Provérbios. Seu título em hebraico é **Misheley Shelômôh** que significa exatamente “Os Provérbios de Salomão”. É um livro que também pode ser considerado profético e seu objetivo prático é a edificação moral e o conhecimento da verdade, através do discernimento entre o bem e o mal e do reconhecimento da revelação divina e aplicação dos seus princípios à vida cotidiana (p. Ex. 3.21; 8.14; 18;1).

Foram selecionados e publicados por um comitê nomeado pelo rei Ezequias, que reinou entre 726-698 a.C. Conforme 1 Reis 4.32, Salomão possuía uma coleção de três mil provérbios, inclusive de sábios anteriores a ele, e a seleção que temos hoje, contém somente 800 versículos.

4. O Livro de Eclesiastes. Seu título Hebraico (**Qôhelet**) significa “o ofício do pregador”, ou “dirigir a palavra a uma assembléia”, daí o título que é transliteração do grego **ekklesiastes**, que se deriva de **ekklesia**, que significa “assem-

bléia”. Segundo Archer (op. cit, pág. 432), o livro tem o propósito de “convencer os homens acerca da inutilidade de qualquer ponto de vista acerca do mundo que não se levante acima do horizonte do próprio homem.” O autor da obra se identifica como sendo filho de Davi, rei em Jerusalém e, sem sombras de dúvidas, tanto por características expostas no próprio texto, quanto pela tradição judaica que afirma que Ezequias e seu grupo teriam editado e publicado o texto.

5. O Livro de Cantares. Seu título em Hebraico é “Cântico dos Cânticos” (**Shir hash-shirim**). Os primeiros versículos do livro apontam para o seu autor, o rei Salomão e seu tema principal é o amor de Salomão por sua noiva sulamita. Há interpretes que tentam que vêm neste livro uma tipificação do relacionamento de Deus com o seu povo e do compromisso entre Cristo e sua igreja, em plenitude de amor mútuo. Outros, no entanto, vêm somente como um livro que exalta o amor entre marido e mulher, relatando-o, em forma poética, toda a sua plenitude. Creio ser uma interpretação mais natural e bastante adequada ao texto.

OS PROFETAS MENORES

São doze os livros chamados profetas menores e, assim eram chamados porque todos os seus livros juntos cabiam em um só rolo de pergaminho e fazem parte do grupo dos chamados “Profetas Posteriores” na Bíblia Hebraica. São eles:

1. Livro de Oséias. Este profeta tem nome que significa “salvação” (em Hebraico **Hôshea**). O tema central do livro é a necessidade de o povo de Deus se voltar novamente para ele, deixando a idolatria (que no livro é comparado à prostituição através da figura do casamento do profeta com uma mulher de prostituições por ordem divina) porque é o “esposo” amoroso, paciente e pronto a perdoar. O livro teria sido escrito entre 753 a.C e 723 a.C, período que durou o ministério do profeta.

2. Livro de Joel. O nome do profeta é **Yô’el** e significa “Jeová é Deus”. Foi escrito cerca de 830 a.C, no período da menoridade do rei Joás. Sua mensagem principal é a advertência de que o julgamento divino contra Israel, no Dia do Senhor, era inevitável.

3. Livro de Amós. Seu nome significa “aquele que carrega fardos”. O tema central da sua mensagem é o dever do povo de Israel para com Deus e para com os seus irmãos do próprio povo. A obediência à Lei era necessária em um sentido interior e permanente. O povo praticava o culto a Deus mas não vivia os princípios divinos com sinceridade e prática constante. A vida cotidiana do povo estava longe do que Deus desejava. Isto faria com que Deus deixasse de atender às orações e de aceitar o culto que era apresentado a ele. O povo iria à destruição. O autor era um criador de ovelhas e agricultor, porém profundo conhecedor da Lei e disposto a servir a Deus até as últimas consequências. Seu ministério foi exercido entre 793